
esdi

MARCA

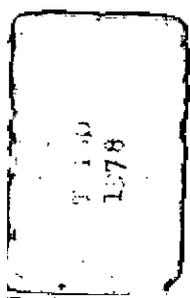
PA

GIORNI

T-150

1978

Programação Visual e Livro Didático



Programação Visual e Livro Didático

Escola Superior de Desenho Industrial
Trabalho de Graduação 1978
Marcia Paciornik

Agradeço especialmente

a João de Souza Leite pela orientação

a Washington Lessa pela colaboração

Agradeço também a

Aloísio Magalhães, Alcídio Mafra de Souza, Fernando Sá,

Goebel Weyne, Maria Tereza Sombra, Regina Yolanda Werneck

e a Pedro Oswaldo Cruz pelas fotos.

aos amigos Cristina, Ivone, Marco Antônio e Pedro.

a Secretaria Municipal de Educação, Comissão Estadual do

Livro Didático.

Índice

Introdução	
Educação	1
O livro didático no Brasil	6
A edição de livros didáticos	7
Estrutura atual do ensino oficial	11
O professor	12
População escolar	14
Atendimento escolar no Rio de Janeiro	15
Análise do sistema de atendimento escolar	17
Livro didático e indústria cultural	21
Ensino e massificação	22
Linguagem visual no livro didático	25
Análise	29
A disfunção da programação visual	70
A função da programação visual	72
Referência bibliográfica	
Bibliografia	

Introdução

A proposta para este trabalho surgiu de um interesse pela área de educação e também a partir de um questionamento de como estaria sendo elaborada a linguagem visual no meio impresso utilizado nessa área.

O trabalho se desenvolveu em três etapas. Na primeira observou-se alguns dos fatores que direta ou indiretamente atuam no ensino atualmente.

A segunda etapa refere-se a atuação da programação visual, fatores que interferem e conseqüentemente acabam por determinar a elaboração da linguagem visual para a educação.

Na terceira etapa após se constatar a função da programação visual na educação é feita uma proposta de atuação que me parece tão importante quanto a que agora se desenvolve. Fica claro no entanto que é uma proposta, e como tal aberta a críticas e contribuições.

Educação

"A transmissão de uma cultura se processa através de meios sistemáticos e de meios não sistemáticos; o meio sistemático mais usado e mais desenvolvido é a forma de educação denominada ensino; em todo os tempos e em todos os lugares, com desenvolvimento que acompanhou o desenvolvimento das sociedades, existiu sempre, maior ou menor, um aparelho de transmissão sistemática dos conhecimentos, uma estrutura do ensino; sociedades complexas como a do capitalismo, demandam complexos aparelhos de ensino; tais aparelhos são no todo ou em parte peças do aparelho de Estado; transmitem assim a cultura oficial..."

A educação sistemática (ensino) participa de um processo maior que é a estrutura política, econômica e social do País. E como elemento participante tem em sua estrutura características que não podem ser dissociadas do todo (aparelho de estado). Conseqüentemente todos os elementos e fatores que se inserem ou se relacionam com a educação sistemática sofrem influência e refletem, no todo ou em parte sua estrutura, bem como a estrutura política, econômica e social do País.

Este trabalho se propõe a observar como a Programação Visual como disciplina atua na educação sistemática. Esta observação se desenvolve a partir de um ponto de vista da Programação Visual, através de um dos elementos integrantes da educação sistemática, o livro didático. Como este se relaciona com os demais elementos atuantes do processo de ensino, com os elementos responsáveis pela transmissão do conteúdo do livro didático (professores, educadores), pela elaboração (autores, editores, programadores visuais, diagramadores etc) e no recebimento da informação (alunos).

Escolheu-se o livro didático porque participa ativamente do ensino, também por parecer controvertida sua posição na transmissão de conhecimento, por ser um meio impresso num País onde o hábito de leitura de livros não se acha incorporado à vida da população. No Brasil a tiragem média das edições é em geral de 3 mil exemplares.

A observação inicial se desenvolveu em dois níveis. No primeiro como é a nível de instituição a prática de ensino em nossos dias. Como e o que as secretarias de Educação, as pessoas relacionadas à área (professores, diretores de escolas, educadores) consideram o que é o ensino, qual a orientação oficial, qual a legislação em vigor. Observou-se também como se posiciona a nível de instituição o livro didático.

O segundo nível é uma observação da prática de ensino e da prática de uso do livro didático. Essa observação se desenvolveu através de um contato direto com a Escola, observação das aulas, conversas com professores, alunos, autores de livros didáticos, editores e programadores visuais.

Na medida em que esta observação se desenvolvia constatou-se uma distância dos conceitos emitidos a nível de instituição e a nível prático. As pessoas que emitiam conceitos a nível de instituição não conseguiam falar ao nível prático e vice-versa.

Os professores de 1º grau entrevistados só conseguiam falar sobre as dificuldades da prática do ensino, não entendendo as perguntas quando se referiam ao nível de instituição, mais genérico. Por exemplo quando perguntados sobre como deveria ser o ensino não conseguiam imaginar. No entanto todos foram capazes de apontar, listar diretamente os problemas referentes ao uso do livro didático, com uma clareza e precisão que as pessoas relacionadas com o nível institucional não conseguiam.

De comum acordo os entrevistados, nos dois níveis disseram que o livro é muito importante para o ensino, que é fundamental o contato dos alunos com livros em geral só que o livro didático como se apresenta é ruim.

Ao nível institucional não se referiram diretamente se o ruim é o conteúdo, a estrutura de editoração, a estrutura do próprio livro. A posição do livro didático na estrutura da educação sistemática foi definida como subsídio, apoio para as aulas, cabendo ao professor utilizá-lo como mais um recurso didático.

No nível prático listou-se clara e objetivamente que o livro didático é ruim porque seu conteúdo não se relaciona com o hábito de leitura dos alunos, porque é caro, porque a estrutura do livro é muito rígida, assim se o professor seguisse o livro a aula seria monótona e pouco criadora.

No entanto as professoras entrevistadas, concluíram que apesar do livro didático não se relacionar com a realidade da escola (alunos e professores) este tem que ser utilizado porque é o único material didático, fora o caderno, que pode ser requisitado ao aluno e mesmo assim só no início do ano letivo, já que as carências materiais da Escola e dos alunos não permitem que se requisite livros no correr do ano.

As editoras visitadas também estabeleceram um conceito ideal do livro didático. O contato do aluno com o livro didático é fundamental e extremamente enriquecedor, mas as próprias editoras através de sua prática de trabalho, demonstram existir algum problema com o livro didático agora produzido. O livro didático, ao ser produzido nos grandes centros e distribuídos para todo o País gerou uma "solução" para que seus livros sejam adotados. Muitas editoras mantêm em regiões mais distantes do País cursos para professores de como se utilizar seus livros didáticos.

Dessa "solução" conclui-se que talvez exista algum problema com o livro didático no que se refere tanto a sua estrutura, quanto ao seu conteúdo. Os aspectos relativos a comercialização não serão analisados neste trabalho.

Constatadas as diferentes visões que se tem do livro didático, fez-se necessário uma observação mais objetiva. Para isso estabeleceu-se que o livro didático seria observado no contexto do Município do Rio de Janeiro, por sua proximidade, por ser o Município pólo econômico do País que atrai grandes contingentes populacionais (20 mil pessoas por ano, fonte: Secretaria Municipal de Planejamento).

A observação foi feita nas editoras de livros didáticos localizadas no Rio de Janeiro.

Foram observadas as escolas de 1ª grau do Município do Rio de Janeiro por ser aí que se localiza o maior número de

alunos do Estado do Rio de Janeiro (720 mil num total de 1.200 mil alunos) fonte: Secretaria Municipal de Educação) e também porque a rede escolar oficial concentra o maior número de alunos do País.

Os livros didáticos analisados são aqueles utilizados pela rede oficial de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro.

Para se poder compreender o significado do livro didático é necessário que se entenda como é a educação agora e alguns problemas que atingem o ensino e se refletem no livro didático, na elaboração de seu conteúdo e de sua linguagem visual.

Estabelecido o contexto partiu-se para uma definição para este contexto do significado do livro didático. Esta definição novamente se depara com dois níveis, o institucional e o real.

O primeiro estabelece que para rede oficial de ensino do município, livro didático é subsídio de aula, servindo de apoio eventual para o professor. O professor é o principal elemento da ação pedagógica.

A nível real, além da ação do professor, o livro é o subsídio mais usado na dinâmica de aula por razões de ordem prática, como por exemplo nem todas as escolas tem equipamento audio-visual, o flanelógrafo, mural de flanela onde a professora prende gravuras caiu em desuso em função da recomendação de se usar audio-visual nas aulas. Resta portanto o livro didático e eventuais contribuições de professores e alunos para as aulas.

Constatada a distância entre o livro didático e seu uso ideal, que não ocorre e o livro didático e seu uso real, estabeleceu-se que o livro didático a ser observado, do ponto de vista da programação visual, e seu relacionamento com os demais elementos componentes do sistema de ensino seria o livro didático objeto real. Isto é o livro didático que apesar de criticado, é o material didático utilizado. Por ponto de vista da programação visual entende-se a observação dos fatores que no processo de ensino se relacionam ou determinam a atuação da programação visual como disciplina.

Para esta análise é necessário que se compreenda como o livro didático atualmente utilizado é produzido e também as origens do livro no Brasil.

O livro didático no Brasil

Na sociedade brasileira o livro é um elemento cultural só tardiamente introduzido. Assim podemos estabelecer uma grande diferença entre a América Espanhola e a América Portuguesa. A primeira caracterizou-se desde o início da colonização pelo estabelecimento de oficinas gráficas, e editoras. Em 1535 foi instalada no México, a Empresa Impressora, com a autorização da corte Espanhola, ajuda financeira e isenção de impostos. O mesmo ocorreu com as demais colônias espanholas.

A colonização portuguesa caracterizou-se por uma cultura marcadamente oral. Esta característica de oralidade deveu-se entre outros fatores à natureza da sociedade aqui implantada. Sociedade rural, baseada em economia extrativa, dependente da metrópole. Prescindia do livro e da imprensa. Para assegurar essa dependência Portugal não permitia a instalação de oficinas gráficas e o consequente aparecimento de impressos. As tentativas de se instalar oficinas gráficas no Brasil antes da chegada da corte portuguesa foram reprimidas.

Quase 200 anos depois da instalação no México da tipografia, com colaboração da corte espanhola, Portugal reprimia a primeira tentativa de se instalar no Brasil a tipografia. Em 1706 é fechada em Pernambuco uma oficina tipográfica por ordem de Portugal, não só era fechada, mas eram recolhidos todos os tipos para "não se imprimisse nem se consentisse que imprimisse livros ou papéis avulsos".

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, a fundação em 1808 da Imprensa Régia, é que começaram a ser produzidos livros. No entanto a precariedade do parque gráfico na fase artesanal da imprensa era tamanha que a maior parte dos livros era impressa em Portugal.

O desenvolvimento do parque gráfico nacional é contemporâneo à fase de crescimento das relações capitalistas após a Primeira Guerra Mundial e principalmente após a Revolução de 1930, quando aparecem as grandes editoras nacionais.

A Revolução de 1930 instituiu a frequência obrigatória às escolas por quatro anos, o que coincide com o desenvolvimento da atividade editorial, havendo assim um aumento no número de livros consumidos.

Atualmente muito embora tenha ocorrido uma transformação qualitativa e quantitativa na indústria nacional do livro didático, podemos dizer que essa expansão ainda não atingiu índices mais elevados, dentre outros fatores, pela estrutura da sociedade, marcadamente oral. Estrutura onde rádio e televisão tem um papel preponderante como fonte de informação, ficando assim o livro com papel secundário. Como consequência o livro didático assume um papel também secundário, o que é acentuado por nossa herança histórica de um sistema educacional onde o professor tem um papel essencial como fonte de informação, repetindo a característica de oralidade.

A edição de livros didáticos

O livro didático atualmente no Brasil é editado e comercializado de duas formas:

1. as editoras produzem o livro e colocam diretamente no mercado
2. os livros são co-editados com a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), vinculada ao Ministério da Educação e Cultura.

A FENAME tem um programa de co-edição de livros didáticos o qual, através do aumento das tiragens, pretende baratear os custos para atender o aluno carente em todos os pontos do País. A FENAME coordena a co-edição de livros didáticos para os vários níveis de ensino através do Plidéf (Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental), Plidem (para o Ensino Médio), Plidesu (Ensino Supletivo), Plides (Ensino Superior) e Plidecom (Ensino de Computação). Destes o Plidéf é o mais representativo. No exercício 77/78 co-editou 92 títulos, aproximadamente 20 milhões de exemplares.

Os livros didáticos para 1º grau apresentam-se atualmente de duas formas:

- 1. livro texto acompanhado de caderno de atividades (exercícios) (fotos 1 e 2)
- 2. livro único para ser preenchido no decorrer do ano letivo: (foto 3)

Todos os livros didáticos devem vir acompanhados de um manual do professor que contem a orientação metodológica do ensino, como utilizar o livro, propõe atividades em sala, etc. (foto 4)

A escolha dos títulos a serem co-editados começa quando as editoras enviam títulos para o Departamento de Ensino Fundamental do MEC. Atribuindo notas ao material recebido, o DEF indica à FENAME uma lista dos melhores livros apresentados. Essa lista é repassada às Secretarias de Educação dos Estados onde uma comissão seleciona os títulos mais adequados à região. Devolvida à FENAME, é preparada a lista definitiva dos livros a serem co-editados. Em 1978 a FENAME co-editou 20 títulos para Comunicação e Expressão, 20 para Matemática, 20 para Ciências, 20 para Estudos Sociais e 10 para Moral e Cívica.

Este sistema de votos muitas vezes exclui da lista títulos recomendados pelo Departamento de Ensino Fundamental, e livros que teriam muito interesse em determinadas áreas do País são preteridos em função dos mais votados.

Os critérios de avaliação dos livros pelo DEF são: produção didática (metodologia de ensino, conteúdo voltado para a parte científica, conceitos emitidos etc), produção gráfica, produção editorial, manual do professor.

No Estado do Rio, através do Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental, há um convênio para a distribuição a cada dois anos, em rodízio, de livros para as escolas carentes.

Em 1976 a indústria editorial brasileira produziu 3 mil 116 títulos de livros didáticos, no total de 85 milhões 758 mil 692 exemplares, 49,81% da produção total de livros do País: o aluno compra e consome sem discussões o que lhe é indicado



1



2

Descubra o que está faltando.

Estes conjuntos têm o mesmo número de elementos. Desenhe o que está faltando.

Veja as etiquetas e complete.

Quantos pires estão faltando?

$3 + \dots = 5$

3

ES IGNEZ DA SILVA OLIVEIRA
SUPERVISOR DE PAULA WERNECK SALDANHA - TEREZINA, CEARÁ

O LUGAR ONDE MORAMOS

4

Em 1977 a FENAME comprou de 18 editores, 19 milhões 103 mil e 40 livros didáticos, o que significa o controle de aproximadamente um quinto da produção pelo Governo.

A FENAME compra em grande escala, reduzindo o número de títulos e aumentando a tiragem para diminuir os custos de produção e o preço de mercado. Assim uma lista de 230 títulos em 1977 foi reduzida para 92 em 1978.

FENAME 77/78

Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental

Quantitativos co-editados por editora

Editora	Livros	Manuais	Total
ABRIL	2 055 899	68 351	2 124 250
AO LIVRO TÉCNICO	1 123 555	35 474	1 159 029
ÁTICA	1 782 345	59 208	1 841 553
BLOCH	2 759 442	91 401	2 850 843
BRASIL	2 156 356	71 352	2 227 708
CAMINHO SUAVE	306 426	10 184	316 610
EDART	161 554	5 320	166 874
F.T:D.	1 439 826	47 464	1 487 290
GLOBO	65 254	2 143	67 397
IBEP	1 534 279	50 843	1 585 122
JOSÉ OLYMPIO	396 187	13 065	409 252
LEMI	697 257	23 040	720 297
NACIONAL	197 648	6 526	204 174
PRIMOR	1 686 832	55 750	1 742 582
SARAIVA	295 594	9 822	305 416
SCIPIONE	1 586 459	52 696	1 639 155
TABAJARA	53 995	1 767	55 762
VIGÍLIA	193 312	6 414	199 726
Total	18 492 220	610 820	19 103 040

Fonte: Jornal do Brasil, 20/03/78, Caderno B

Livros Didáticos editados 73/76

Quantitativo total e quantitativo do 1º grau

Ano	Nº de títulos	Nº de exemplares	Exemplares 1º grau	Percentual
1973	1959	77,4 mi	39,8 mi	51,8%
1974	2090	101,2 mi	44,3 mi	43,78%
1975	2868	68,8 mi	53,7 mi	78,10%
1976	3116	87,8 mi	59,1 mi	60,7%

Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livro, Rio de Janeiro.

No quadro acima observamos que a edição de livros didáticos, em geral sofre uma variação muito grande, isto acontece em função da variação no número de livros que são produzidos para o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Observa-se também que há um aumento constante na produção de livros didáticos para o 1º grau seja pelo aumento da tiragem de um mesmo título, seja pelo aumento de número de títulos.

Incrementos anuais do livro didático de 1º grau

73/74	11,31%
74/75	21,22%
75/76	10,06%

Fonte: Sindicato Nacional de Editores de Livros, Rio de Janeiro

Muitas vezes os livros didáticos distribuídos pela FENAME para as escolas carentes vão parar nos porões dessas escolas. Isto é, são inutilizáveis segundo os critérios dos professores, que no ensino são quem indicam os livros a serem utilizados.

Na prática de ensino o professor é o principal elemento da ação pedagógica, é a ele que compete ensinar, transmitir conhecimento, hábitos, conceitos para os alunos. Se o livro não é considerado útil para o aluno pelo professor, deve-se

compreender como é o ensino atualmente e qual a função do professor na educação sistemática, já que é o elemento mais próximo e atuante do aluno.

Estrutura atual do ensino oficial

O ensino brasileiro para 1º e 2º grau foi reestruturado no País pela Reforma de Ensino, Lei 5692/71, implantada em 1972.

A Reforma em linhas gerais estabelece a obrigatoriedade do 1º grau, dos 7 aos 14 anos. O 1º grau é constituído dos antigos cursos primário e ginásio reestruturado, agora com oito séries. O 2º grau (3 séries) é composto da reestruturação dos antigos cursos clássico e científico acrescido do ensino profissionalizante.

O currículo de 1º grau, da Classe de Alfabetização à quarta série, é organizado por atividades enquanto que da quinta à oitava séries é um currículo organizado por áreas de estudo. A primeira etapa visa dar ao aluno instrumentação necessária às fases posteriores que exigirão uma sistematização maior de estudos.

O currículo base de cada ano letivo é organizado pelos Estados à partir da Lei 5692/71 e tem uma parte comum a todo País (currículo mínimo). O ensino de 1º grau é de exclusiva responsabilidade dos municípios que os adaptam às características regionais. Cada escola ainda adapta o currículo em função do contexto econômico-social em que se localiza.

O Município do Rio de Janeiro por absorver mais da metade dos alunos do Estado do Rio de Janeiro, aproximadamente 720 mil alunos matriculados em 1978, tem uma secretaria de Educação com estrutura mais complexa, semelhante à do Estado. Nos demais municípios tem-se em geral um pequeno grupo ou uma pessoa encarregada da área de Educação.

A obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos gerou uma escolarização desigual. Os estados e territórios com população de maior renda são os que tinham taxas de escolarização,

em 1970 por ocasião do censo demográfico, mais elevadas.

A taxa média de escolarização em 1971 no País, era de 66,3%, havendo estados com taxas extremamente baixas como Acre (34,5%), Ceará (39,9%) etc. Outros apresentavam taxas bem mais elevadas como Guanabara (atual região metropolitana do Rio de Janeiro) 91,8%; Rio Grande do Sul 86,7% e São Paulo 84,6% (Fonte: Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, "Censo Demográfico do Brasil - 1970", tabelas 2 e 11) (2).

No Estado do Rio de Janeiro a obrigatoriedade de se frequentar as escolas dos 7 aos 14 anos gerou uma estrutura de atendimento aos alunos paralela, pois se nos grandes centros há frequência durante este período, nos demais ir à escola ainda significa ir por quatro anos. Assim todo atendimento aos alunos que não pertençam aos grandes centros continua centrado nas quatro primeiras séries do 1º grau no que se refere à assistência pedagógica, distribuição de livros didáticos, merenda escolar etc.

"Em 1973 havia um contingente de 18 milhões 573 mil 193 jovens inscritos nas diferentes séries do primário. Desse total, 6 milhões 757 mil chegavam à oitava série. Esse atarrador índice de deserção nos faz entender o pequeno número de leitores". (3)

A nova legislação (Lei 5692/71) ainda que proponha uma nova prática pedagógica não modificou o corpo docente nem discente, bem como manteve-se o quadro sócio-econômico do País. As quatro primeiras séries do 1º grau ainda são as mais representativas em termos de escolarização. Dentre outros fatores, deve-se constatar o pouco tempo da implantação da Reforma de Ensino e a impossibilidade de se viabilizar escolas com oito séries em determinadas regiões.

O Professor

"As escolas públicas tem, geralmente turmas de 40 alunos, e as aulas duram três horas diárias; as atividades dos alunos consistem em ouvir e anotar, sempre sentados, e quase nunca falam; o material pedagógico consiste em quadro-negro, giz,

caderno, lápis e livro-texto; a atividade educativa é toda ela acionada apenas pela professora e é avaliada somente por esta". (4)

O professor detem uma autoridade que se manifesta na relação unilateral professor-emissor aluno-receptor. A organização do sistema de ensino transfere ao professor um poder que muitas vezes não está apto a desempenhar por fatores que independem de sua capacidade individual. Fatores como professor único para várias séries, preparação nas escolas normais para uma situação ideal de trabalho que não se concretiza, carências de ordem econômica do sistema de ensino etc.

Assim esta posição tradicional e ao mesmo tempo atual do professor como principal elemento de ação pedagógica no processo de ensino se repete.

"Outro fator negativo, muito frequente em nossas escolas, é o sentido terminal que se dá às nossas atividades. Considerando-se todas as descobertas no campo bio-psicológico, o professor em geral continua "depositando" conteúdos". (5)

Assim a tradição oral da cultura brasileira se repete também na escola. Dessa forma o livro didático de certa forma se opõe à ação do professor, na medida em que esta é oral, ficando o livro didático na posição de essencial, já que é o material didático mais utilizado, mas ao mesmo tempo secundária, seu conteúdo é transmitido oralmente pelo professor. Essa posição dupla dificulta o relacionamento e o uso do livro didático pelo professor e conseqüentemente pelo aluno.

Considerando-se que o Município do Rio de Janeiro, tanto por sua área (1.356 Km²) quanto por ser um pólo de atração de população, é muito diferenciado. Isto é as características regionais são muito diversificadas no que se refere à produção da população, quanto à região do País de onde vem essa população etc. Assim os alunos tem uma experiência no seu núcleo social muito diversificada, que trazem para a escola. A escola pública tem por sua vez alunos de diferentes classes sociais, o que diversifica mais ainda devido ao

tipo de vida que levam. Numa mesma região do Município existem escolas que só são frequentadas por crianças da classe baixa e escolas que são frequentadas por crianças de classe média e classe baixa.

População Escolar

Em março de 1977, estavam matriculados aproximadamente 720 mil alunos, prevendo-se ainda o atendimento a cerca de 12 mil alunos como bolsistas da Obrigatoriedade Escolar.

Embora a Obrigatoriedade Escolar cubra apenas a faixa etária de 7 a 14 anos, a Rede Oficial do Município atende a uma população situada em faixa mais ampla (dados do início do ano letivo de 1977) como mostra a tabela abaixo.

Idade	Nº de alunos	Idade	Nº de alunos
1	3	17	24 148
2	11	18	10 508
3	21	19	1 060
4	520	20	155
5	4113	21	19
6	13 125	22	5
7	44 315	23	5
8	63 944	24	1
9	68 769	25	1
10	72 012	Total	718 894
11	78 117		
12	77 774		
13	76 581		
14	73 290		
15	62 618		
16	47 779		

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura (6)

Nota-se que existem cerca de 18 mil alunos até 6 anos e 146 mil alunos com idade acima de 15 anos, e que não deveriam estar no 1º grau.

Diversas razões concorrem para a existência de alunos com mais de 14 anos nas escolas da Rede Oficial de 1º grau:
 Alta taxa de reprovação da 1a. para a 2a. série
 Reprovação nas demais séries
 Chegada tardia à escola
 Carências de ordem sócio-econômica

Assim um grande número de alunos termina o 1º grau com idade superior à Obrigatoriedade Escolar.

Atendimento escolar no Rio de Janeiro

O atendimento escolar no Município do Rio de Janeiro está a cargo de entidades particulares, municipais, estaduais e federais.

A rede Municipal é constituída por 790 unidades escolares de 1º grau, 17 bibliotecas e o Instituto Anne Dias, são ainda supervisionadas 822 escolas que atendem a cerca de 140 mil crianças.

Atendimento Escolar por Entidade Mantenedora

Entidade	Pré escolar 1º grau	2º grau supletivo	Superior	Pós graduação
Particular	822	272	44	3
Municipal	790	-	1	-
Estadual	1	406	1	1
Federal	8	4	7	3
Total	1621	682	53	7

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, março de 1977 (7)

O Município do Rio de Janeiro é subdividido em 24 Regiões Administrativas. As escolas do Município subordinam-se aos Distritos de Educação e Cultura (DEC), cuja área geográfica corresponde a das Regiões Administrativas. Os DECs são subordinados ao Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Educação.

Atendimento Escolar por DEC

Região Administrativa	Nº de escolas	Nº de alunos 1977	População
I			
Portuária	12	7 017	51 052
II			
Centro	6	5 606	59 457
III			
Rio Comprido	13	14 891	96 781
IV			
Botafogo	18	17 744	256 250
V			
Copacabana	15	11 953	239 256
VI			
Lagoa	26	15 833	175 586
VII			
São Cristovão	13	14 158	90 473
VIII			
Tijuca	26	18 298	192 094
IX			
Vila Isabel	23	20 478	157 980
X			
Ramos	35	43 613	234 605
XI			
Penha	52	55 466	286 892
XII			
Méier	58	58 193	364 796
XIII			
Engenho Novo	28	28 960	195 619
XIV			
Irajá	43	44 987	240 433
XV			
Madureira	41	42 229	267 321

Região Administrativa	Nº de escolas	Nº de alunos 1977	População
XVI			
Jacarepaguá	62	61 050	241 017
XVII			
Bangu	100	104 535	372 433
XVIII			
Campo Grande	78	62 833	230 324
XIX			
Santa Cruz	36	25 533	92 927
XX			
Ilha do Governador	26	21 959	105 651
XXI			
Ilha de Paqueta	3	667	3 250
XXII			
Anchieta	69	60 905	233 037
XXIII			
Santa Teresa	3	2 905	64 684
XXIV			
Barra da Tijuca	4	1 186	26 193
Total	790	740 999	5 154 493

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento do Rio de Janeiro (8).

Análise do Sistema de Atendimento Escolar

A deficiência na distribuição das escolas em relação à população existente em algumas regiões, provoca uma defasagem entre a oferta e a demanda, ocasionando a incidência de 3 turnos em 619 escolas. Considerando-se que o atendimento deve ser feito em dois turnos, pelo número de matrículas na rede Oficial, em 1977 há deficiência de salas de aula sobretudo nas zonas rural e suburbana do Município. Devemos observar que sobretudo nas zonas Sul e Norte da cidade há uma clientela muito grande que frequenta escolas particulares, quer como pagantes quer como bolsistas.

Assim o significado do livro didático e as expectativas quanto ao livro didático e ao ensino, às vezes na mesma sala de aula, são muito diferentes.

Quer dizer cada vez mais fatores se somam para fazer com que o livro didático, apesar de junto com o professor e através do professor ser um dos canais principais de transmissão de conhecimento, seja um elemento cujo uso, cuja função não é desempenhada como aquela estabelecida a nível institucional, subsídio para sala de aula e fonte de conhecimento.

Na medida em que o livro didático tem uma posição controvertida na estrutura de ensino, essa posição se reflete no seu uso e no relacionamento do professor com o livro didático e do aluno com o livro didático.

Para o professor essa posição é controvertida pois o livro didático é o material que é para ser utilizado apesar de considerado como complementar.

O significado do livro didático é transmitido para o aluno de uma forma ambígua, se por um lado é secundário no que se refere ao seu uso, por outro é o recurso didático mais utilizado se comparado com o uso de audio-visuais. O livro didático recebe também o tratamento de objeto especial, que não pode ser rabiscado, tem que ser encapado, não pode ser esquecido em casa e principalmente cujo conteúdo é fonte de verificação em exercícios, provas, arguições etc.

Devido, dentre outros fatores, a esta posição ambígua, o aluno se distancia do livro didático. Acrescido a esse fator devemos considerar também que o conteúdo do livro didático, de acordo com a região em que se localiza a escola, devido à experiência e expectativas do aluno quanto ao livro em si e quanto à escola, por ter sua produção centralizada nos grandes centros urbanos, traz uma informação que por não se relacionar com o cotidiano do aluno lhe é distante.

O livro didático como canal de informação veícula uma linguagem característica da Escola. Diferente daquela que o

aluno está acostumado. A linguagem que o aluno está acostumado, tem como nossa cultura, uma representação marcadamente oral, as informações são recebidas em grande parte pelo rádio e televisão. Assim o livro didático, além de estar inroduzindo a linguagem escrita, está também introduzindo uma nova forma de aprendizado, de usos e costumes, através da escrita e da leitura (linguagem escrita).

Ler é o olho se movendo ao longo das linhas de um texto, perceber os elementos desse texto por unidade elementar, a palavra ou pequeno grupo de palavras, para se compreender as frases, para em seguida reter um sentido do texto.

No entanto a experiência da visão espacial não é em si uma realidade cuja representação varia de acordo com a época, ela é a própria experiência do homem. Portanto variável de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo.

Assim ler também significa num sentido amplo, a reflexão e a transformação do texto lido em uma ordem espacial à partir da experiência individual e do grupo social. O relacionamento do conteúdo com a realidade circundante, estabelecendo-se uma dinâmica de raciocínio reflexiva, comparativa, questionadora.

Devido a fatores de ordem cultural, social, cada grupo terá uma "leitura" de mundo diferente, o que implica num referencial de leitura também diferente por parte do leitor. A compreensão, a quantidade de informação captada assim como as expectativas face à leitura serão variáveis.

"Só se representa aquilo que se conhece", (9).

Em cada época cada indivíduo tem a possibilidade não só de perceber um universo dado, mas também de formas, sistemas que se apoiam sobre um inventário de suas ações, de seus conhecimentos humanos; comuns em determinado momento a grupos maiores ou menores de indivíduos.

Todo espaço tem uma significação ao mesmo tempo individual e social, caso contrário seria incomunicável, não estabeleceria uma relação com o indivíduo ou grupo social. O espaço é ao mesmo tempo um inventário de formas e relações simbólicas.

Quando um indivíduo ou um grupo social aborda um novo sistema de expressão ou uma nova técnica ele se encontra na mesma posição dos grupos primitivos ou da criança ao experimentarem uma nova linguagem. Tendo descoberto um método que é uma evolução sobre os meios anteriores de análise e figuração, ele está longe de possuir o mesmo domínio que no anterior.

Como decorrência, para que uma idéia nova seja comunicável é necessário que ela utilize certos termos da linguagem original do receptor. Uma nova linguagem só é transmitida através da interseção de pontos comuns entre um sistema convencionalizado a outro.

Na escola para o aprendizado de sua nova linguagem (da escola) é necessário que esta e conseqüentemente a linguagem do livro didático, bem como a representação gráfico-tipográfica do livro didático tenha um referencial com o mundo do aluno, com sua experiência de vida. Na medida em que o livro didático, seu conteúdo e a representação deste conteúdo não tem uma relação com a experiência do aluno, sua proposta e também a da escola, passa a ser a "troca" da linguagem do aluno pela da escola. Uma proposta de cima para baixo, da escola para os alunos e não a soma da nova linguagem com aquela que o aluno tem, resultando na ampliação do conhecimento. A alfabetização num sentido amplo e constante.

O livro didático como elemento integrado ao processo de ensino reflete sua ideologia. Ao se estabelecer um currículo mínimo comum a todo o País e por ser a produção dos livros didáticos centrada nos grandes centros onde por sua vez os livros de maior tiragem são produzidos por poucas editoras, cria-se um monopólio de linguagem e de representação dessa linguagem. Na medida em que os livros produzidos em co-edição com a FENAME são os de maior tiragem e venda, a organização, o conteúdo e a organização do espaço gráfico desses livros passa a ser o parâmetro de edição.

Assim passa o livro didático a ser um objeto cujo referencial mais importante é a venda, um bem de consumo, um produto da indústria cultural.

Livro didático e indústria cultural

"A indústria cultural, como toda indústria, é um sistema que não se articula à partir do consumidor, no caso à partir das relações concretas dos homens na sociedade; mas em função de um público massa, abstrato porque homogêneo, nivelado a priori pelas instituições que produzem e difundem as mensagens". (T. Adorno).

Na elaboração de livros didáticos para serem co-editados concorrem fatores culturais e ideológicos que situam o livro didático, agora, como produto da indústria cultural visando padronizá-lo, com sua produção voltada para o lucro.

A co-edição se por um lado permite a diminuição dos custos, gera certos problemas quanto à adoção dos livros nas áreas mais remotas do País, uma vez que os livros escolhidos são como já vimos aqueles adotados na região centro-sul cujos valores, comportamento e nível de escolarização diferem das outras regiões do País.

"As mercadorias da indústria cultural se orientam... segundo o próprio princípio da comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e configuração adequada". (10)

As editoras acabam por produzir livros cujos critérios não são a adequação ao usuário (professores e alunos). Não sendo considerados aspectos como a grande disparidade regional no País, a variação no nível de escolaridade dos professores (leigos até nível universitário), os interesses dos alunos em função da peculiaridades regionais etc.

Os livros didáticos atualmente editados são em grande parte "descartáveis", isto é para serem preenchidos. Não havendo possibilidade de serem reaproveitados no ano seguinte por outro aluno.

"Hoje as novas técnicas pedagógicas combinadas com o interesse das editoras modificam constantemente o conteúdo dos livros e a forma de apresentá-los. A cada ano como acontece com os automóveis há um modelo novo a ser consumido". (11).

Se por um lado é extremamente positivo que sejam aplicadas novas técnicas pedagógicas, o livro didático com um ano de uso pré-determinado contrasta com a realidade sócio-econômica da maioria dos alunos da rede oficial de educação escolar, proveniente na sua maioria das classes média baixa e baixa, cujas carências pedem o reaproveitamento do livro didático no ano seguinte por outro aluno.

Assim alunos e professores estão lidando com um conteúdo e sua representação gráfico-tipográfica comum a todo o Município e comum a todo o País.

Ensino e massificação

A educação escolar atual (Lei 5692/71) estabelece um currículo mínimo comum a todo o País, que é para ser ampliado e adaptado pelos Estados, Municípios e Escolas de acordo com as diferenças regionais. Por um lado garante-se assim que todos os alunos da rede de educação escolar terão um mínimo de conhecimento, por outro lado essa homogeneização acrescida da massificação da produção do livro didático implica em algumas situações que devem ser consideradas.

"Quando a cultura de massa se diversifica por classes, sexos, idades, níveis de instrução etc. sua mensagem simplifica-se a um denominador para ser entendida por todos. O código que rege a produção das mensagens de massa tem de se tornar mais pobre para aumentar o índice de percepção. E isto implica, com frequência num empobrecimento da mensagem com relação ao original (o da cultura elevada)". (M. Sodré).

Porque o livro didático veicula uma informação comum a todo o País tanto no seu conteúdo quanto em sua representação gráfico-tipográfica e porque cada escola tem um contexto diferente em função da região em que se localiza, da experiência de vida de seus alunos etc, ocorrem algumas contradições

O ensino mínimo é comum a todos os alunos, adaptado pelos Estados, Municípios e Escolas às características locais, no entanto os livros didáticos não se adaptam a essas características.

O livro didático veícula a linguagem da Escola produzida nos grandes centros e à partir dos grandes centros, dentro do conceito de massificação do ensino - mínimo comum a todos os alunos.

Assim a mensagem empobrece, se distancia, não se relaciona com as diferentes realidades das escolas e de seus alunos e professores.

"O desempenho dos estudantes no final das contas é determinado pelo grau de "estranheza" da cultura da escola, referida à do seu ambiente familiar de origem, e pelo volume de recursos que a escola pode manipular para atingir seus fins". (12).

O livro didático é produzido nos grandes centros, à partir de um conceito ideal do que é ensino. Também é idealizado o conceito de aluno, quem é, o contexto em que vive é simplificado a um denominador comum.

Assim tanto o ensino massificado quanto o livro didático massificado partem de um conceito comum e idealizado do aluno, que se distancia do que realmente é o contexto do aluno. Cada aluno traz para a escola uma vivência diferente, assim como também são diferentes as realidades em que vivem, as experiências que tem.

O livro didático ao ter sua produção massificada deixa de se relacionar diretamente com o aluno, com sua percepção do mundo e conseqüente interesse do aluno pelo seu conteúdo.

O conteúdo do livro didático veícula uma informação idealizada à partir dos grandes centros do País (região Centro-Sul), a qual se sobrepõe à compreensão da realidade próxima do aluno. O modelo de percepção, os valores comportamentais passam a ser o do grande centro ou então provocam a perda do referencial local, sem que sejam adquiridos os valores dos grandes centros idealizados, e também porque esta realidade não é vivida pelo aluno, pelo professor e por seu núcleo social.

O processo de ensino por estar vinculado a todo o processo cultural do País sofre influência de outros fatores. Por isso não se deve esquecer que para esta dificuldade de se

relacionar tanto com os valores locais quanto com os do grande centro contribuem fatores massificantes da nossa sociedade como aqueles veiculados pela televisão e também com a modificação das relações de produção.

A representação gráfico-tipográfica da informação é assim resultado de todos os fatores até aqui mencionados, acrescido do significado do objeto livro para nossa cultura. Cultura marcadamente oral, onde o hábito de leitura e o hábito de leitura de livros, não se acham incorporados.

O hábito de leitura do aluno, acha-se muito mais próximo de revistas, histórias em quadrinhos; quer seja por seu baixo custo ou fácil acesso, bancas de jornal onde a própria criança seleciona o que quer ler. Enquanto que o livro é na maioria selecionado pelos pais, por seu conteúdo ou preço, requer um deslocamento até a livraria etc.

Constatou-se também que ler para o aluno está muito associado a histórias em quadrinhos, enquanto o livro didático está associado a estudar, à verificação. Portanto ler livro, para o aluno em geral reveste-se de um caráter de estudo, de obrigatoriedade.

Linguagem visual no livro didático.

A cada época corresponde uma representação do universo circundante, seja através de idéias, seja a nível de realizações materiais. Assim como a representação da escrita reproduz uma determinada época, como exemplo a escrita gótica se relacionava com a arquitetura, também sua interrelação com a representação icônica, pictográfica, reflete um período histórico. Do relacionamento entre a representação alfabética (verbal) com a pictórica (não verbal) cria-se uma linguagem visual.

A linguagem visual traduzida pelo relacionamento de vários significantes num determinado campo (suporte) proporciona àquele que lê a mensagem sua decodificação. Assim uma mensagem será compreendida de forma diversa se estiver escrita num muro ou impressa num papel.

Os diferentes canais de informação que se utilizam do meio impresso estabelecem sua linguagem visual de acordo com os recursos técnicos que utilizam para sua produção, com o público a que se destinam, com o caráter de permanência da mensagem veiculada.

Cada região do País e cada indivíduo por sua experiência de vida, em função do seu núcleo social, percebe o mundo que o cerca de forma diferente. Assim as expectativas com relação à Escola também são diferentes. Também são diferentes as formas de se perceber os objetos, como estes se relacionam entre si no espaço e de se perceber a representação destes objetos através do meio gráfico.

A linguagem visual do livro didático atual, a utilização do espaço gráfico, a relação do conteúdo com sua representação ocorre de forma aleatória, onde as diferentes realidades e diferentes maneiras de se perceber o espaço gráfico pelo aluno não são consideradas. O fator economia sobrepõe-se à transmissão adequada da informação no que se refere a representação do conteúdo em referencial próximo do aluno e também quanto a fatores como legibilidade, a maior quantidade de informação no menor espaço, as ilustrações sendo encaixadas onde sobra lugar.

Os exemplos de livros didáticos analisados a seguir foram escolhidos em função de serem representativos da não atuação da programação visual como disciplina elaboradora de linguagem visual.

O livro didático é composto de dois elementos dissociados no que se refere à solução gráfica, capa e miolo. A capa, fator de venda não se integra com a estrutura do miolo. Por apresentar soluções dissociadas do todo não é aqui objeto específico de análise.

A não integração capa-miolo demonstra no entanto, a falta de uma atitude projetual na elaboração do livro didático. Por exemplo ao se repetir a capa numa série de quatro livros, com pequenas modificações e variando sua cor, não significa que houve uma elaboração por parte da editora para com a série. Esta prática na medida que dissociada da organização do espaço gráfico do miolo, não integra nem o livro como um todo, nem os quatro livros como uma série. É muito comum a estrutura do espaço gráfico se repetir nos livros seriados, o que não os adequa às diferentes faixas etárias dos alunos.

Nos exemplos só foram observados os aspectos que se referem à organização do espaço gráfico do miolo, isto é da transmissão de informação para o aluno. Considerando-se que a capa deveria ter sua estrutura, sua elaboração, integrada à atitude projetual utilizada para com o livro como um todo.

Constata-se também que a linguagem visual está deixando de ser elaborada, a informação é colocada no espaço da página, muitas vezes não se relacionando com as outras páginas do livro, numa tentativa de se romper a linearidade da estrutura do livro didático, composta de ilustração - texto - exercícios.

Soluções "modernas" para o espaço gráfico, adaptadas à pedagogia atual, são propostas em detrimento de soluções "antiquadas". No entanto a linearidade da estrutura do livro didático permanece. Quer pelo ritmo ilustração - texto, quer pelo uso de "efeitos" que na realidade camuflam sem romper o tradicionalismo.

Nas editoras, as observações com relação à solução gráfica do livro didático é sempre em função de problemas imediatos e práticos e não em função do usuário. Por exemplo o "medo do branco", o qual gera soluções como o uso de chapadas para dar unidade à página, normalmente em cores 100% saturadas, "para não ficar muito vazio" como foi explicado em uma das editoras. Este "medo" também se manifesta pelo uso excessivo de fios, setas, sinais gráficos em geral com o intuito de "modernizar", de enriquecer a informação. Entretanto acabam prejudicando a leitura.

Estes e outros aspectos somam-se aos já abordados, demonstrando que o livro didático como se apresenta acha-se desvinculado da relação real aluno-ensino.

Observa-se assim que a linguagem visual do livro didático está longe de ser considerada adequada a linguagem (discurso) da escola próxima do aluno.

A análise dos livros didáticos se desenvolveu considerando-se que:

1. os livros didáticos tem sua produção centrada nos grandes centros da região centro-sul do País, sob padrões do aluno médio ideal.

1.1 o que isso significa para o aluno que não vive a realidade do grande centro.

1.2 o que significa para o aluno que apesar de viver nos grandes centros urbanos tem uma tradição cultural marcada pela oralidade? (ver item ensino e massificação).

2. Do ponto de vista da programação visual, no que se refere aos recursos gráfico-tipográficos utilizados o que ocorre.

2.1 o espaço gráfico como é organizado.

2.2 a reformulação da linguagem visual realmente acontece? o uso de recursos aqui definidos como "modernos" em detrimento dos recursos "tradicionais" transforma o caráter da informação?

2.3 a relação imagem-texto como ocorre?

2.4 a seleção da imagem é adequada ao aluno?

2.5 a localização da imagem na página como ocorre, quais suas implicações para o aprendizado do aluno?

Os exemplos a seguir mostram a linguagem visual do livro didático atualmente em uso. Tem também intenção de gerar um questionamento no que se refere à atuação da programação visual sobre o que são critérios de elaboração de linguagem visual.

Nestes exemplos não serão indicadas as editoras ou o título dos livros por não acrescentarem, ou modificarem o caráter da análise.

Não cabe neste trabalho a demonstração prática de soluções para o espaço gráfico, pois ao se resolver individualmente e desvinculado do contexto um espaço gráfico, estaria se repetindo a prática atual inadequada, que não estabelece a linguagem visual do livro didático como um todo vinculado ao contexto dos diferentes alunos.

Alguns dos exemplos vem acompanhados de um diagrama de percepção do espaço gráfico.

Exemplo 1

Formato 180 x 235mm

Neste exemplo tem-se dois aspectos a serem observados, o primeiro se refere à solução gráfica da página dupla, o texto pede que se relacione a foto com as marcas das empresas, no entanto cada página é solucionada isoladamente.

A informação verbal ocorre ou fechada ou sangrando na página, sem maior elaboração do espaço gráfico.

O segundo aspecto se refere a relação do conteúdo adequado ao aluno. O que significa para o aluno a introdução de marcas de empresas, a veiculação de publicidade na sala de aula? Observa-se assim uma disfunção da programação visual, como executante e não elaboradora de linguagem visual próxima do aluno.

			<p>13</p>
			
			
			

Exemplo 2

Formato 180 x 235mm

A utilização de histórias em quadrinho como forma de ensino de análise literária gera, quanto à atuação da programação visual na educação algumas questões.

Este exemplo ilustra a organização de um espaço gráfico que se desenvolve igual por onze páginas (a história inteira), o que organizado em duas páginas (página dupla) certamente teria o mesmo resultado no que se refere a transmissão correta de informação.

O segundo ponto refere-se a tentativa de se desvincular o livro didático de sua função, disfarçando o caráter didático com um tipo de leitura a que os alunos de um modo geral estão habituados. Não podemos também esquecer o aspecto de divulgação de uma determinada história em quadrinhos e também a adequação ao referencial de vida do aluno.

Ao se utilizar de uma história em quadrinhos está o livro didático se aproximando do aluno?



Exemplo 3

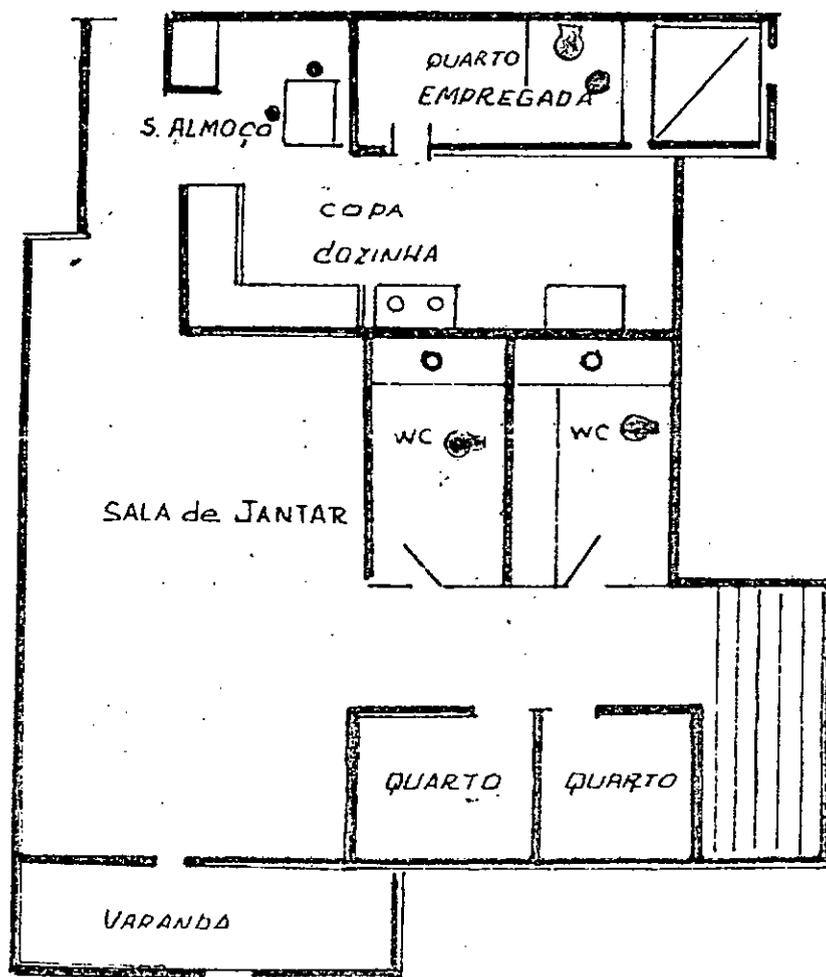
Formato 145 x 205mm

A posição do programador visual como coordenador de uma atitude projetual, junto ao editor, na elaboração e escolha de imagens a serem utilizadas no livro didático deve considerar seus usuários. Quanto a informação desta página pertence ou interessa a todos os alunos do país, ou introduz o significado de morar, diferente nas várias regiões do país. Observa-se assim um dos problemas que ocorrem quando da elaboração de livros didáticos nos grandes centros.

cerra tu a cortina. ● Essas leituras malfazem à mocidade. ●
Valeu ao tio a minha pobre ajuda.

REDAÇÃO

Vamos supor que sua família more no apartamento cuja planta se vê abaixo. Descreva-o. Diga como seria seu quarto.



Exemplo 4

Formato 215 x 275mm

Nesta página deve-se questionar o uso de recursos gráficos vazios de conteúdo, que na realidade atestam a tentativa de se romper o ritmo tradicional de leitura através de recursos "modernos".

A margem preta só diminui o formato da página, sem enriquecer a informação. Acrescente-se a isso a pouca importância dada à informação verbal, que é o conteúdo a ser transmitido ao aluno.

Você vai colocar marcas dentro da barra para indicar alguns acontecimentos da História do Brasil.

Coloque cada marca dentro do século correspondente. Ela deve ficar aproximadamente no lugar que indica o ano do acontecimento.

- 1 — O descobrimento deu-se no ano de 1500.
- 2 — A vila de São Vicente foi fundada em 1532.

3 — A cidade de Salvador foi fundada em 1549. Ela foi a primeira cidade brasileira.

4 — Os bandeirantes encontraram ouro em 1693, no atual Estado de Minas Gerais.

5 — Houve uma revolta nessa mesma região, no ano de 1789.

Essa revolta recebeu o nome de Inconfidência Mineira.

6 — O Brasil se tornou independente no ano de 1822.

7 — A República foi proclamada em 1889.

8 — A cidade de Brasília foi inaugurada em 1960.

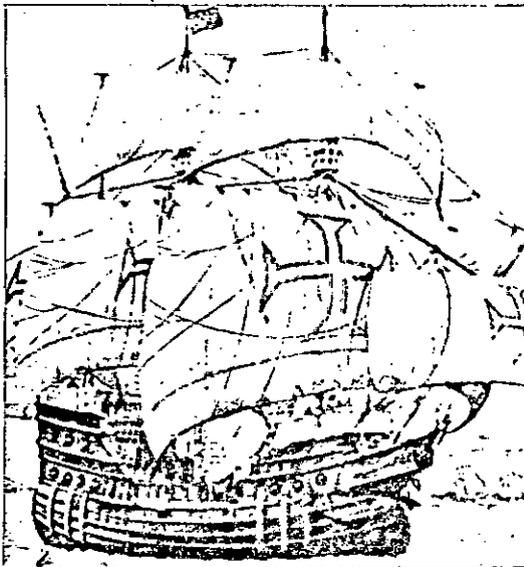
Você já ouviu falar em todos esses fatos na 3.ª série.

Exemplo 5

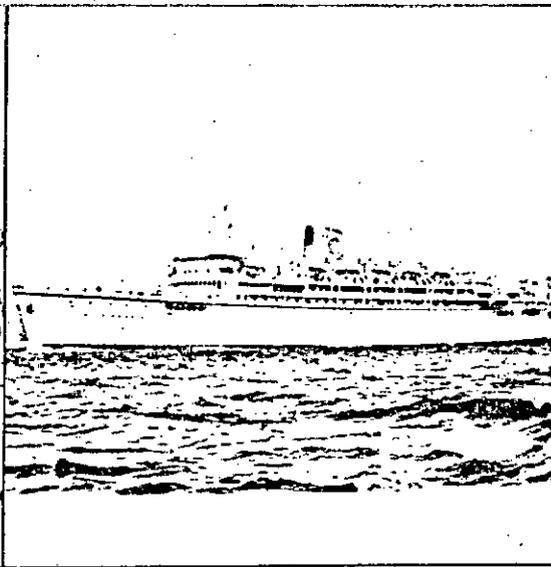
Formato 215 x 275mm

O excesso de cores e fios caracterizam a "alegria" como disfunção da programação visual, sem que a informação seja mais clara e sem que exista uma integração da informação verbal e não verbal. O tamanho tipográfico confere a toda a informação o mesmo caráter, quando na realidade são diferentes.

A utilização de entrelinhas irregulares na mesma informação impede uma leitura fluente. A relação imagem-texto recebe um tratamento de duas informações separadas e não complementares.



Esta é uma caravela



Este é um navio moderno. Ele é cerca de 10 vezes maior do que uma caravela.

Embora a caravela fosse considerada muito rápida,
a viagem de Pedro Álvares Cabral demorou 44 dias.

Hoje, um navio moderno faz o mesmo percurso em 8 dias.

Pense no seguinte:

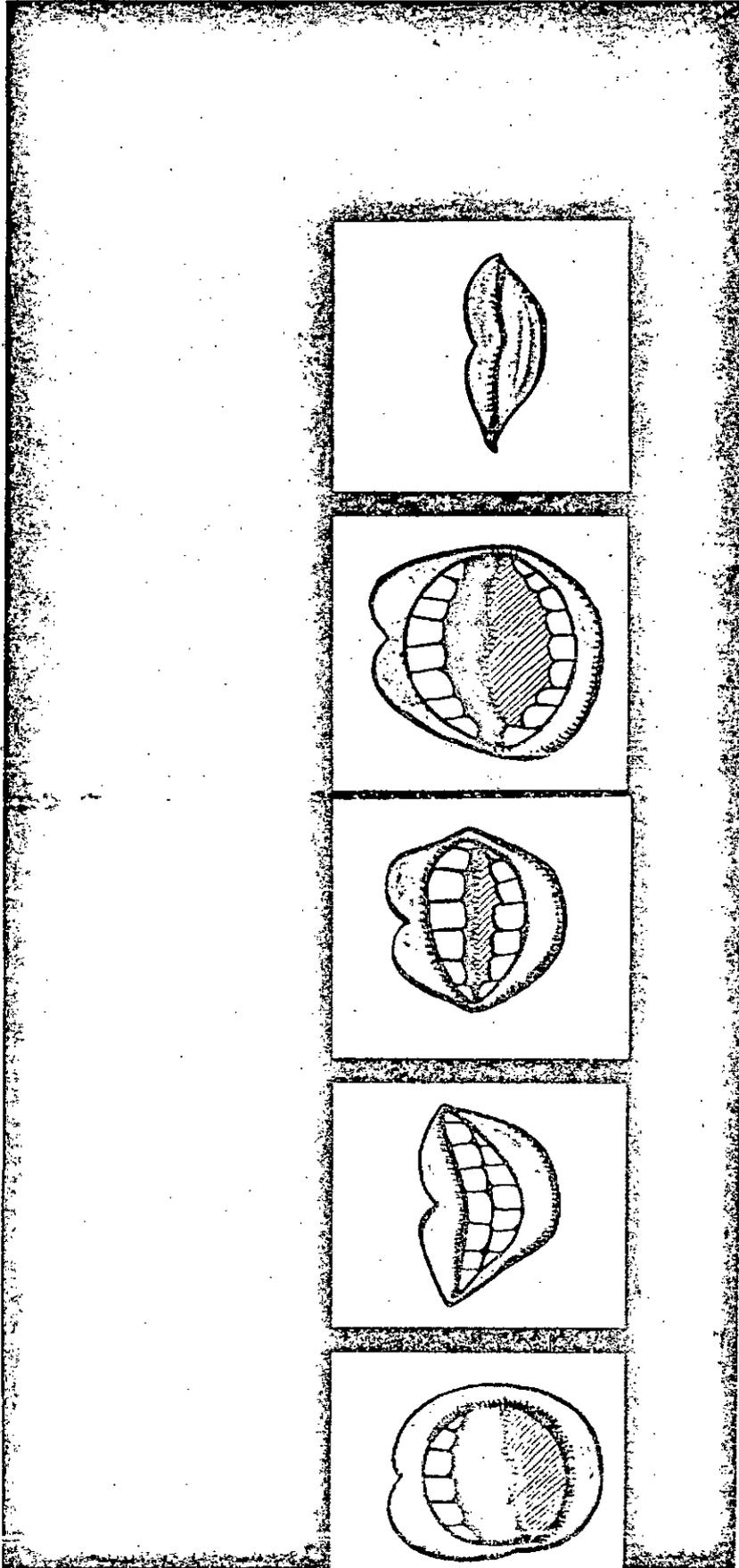
— o que teria levado os navegadores europeus a atravessar um enorme e desconhecido oceano,

numa embarcação tão frágil como uma caravela?

Exemplo 6

Formato 180 x 235mm

A disfunção "alegria" associada ao "mêdo do branco", isto é o excesso de cores associado a uma chapada para unir o espaço gráfico, bem como uma ilustração confeitada, demonstram a falta de uma atitude projetual na elaboração do espaço gráfico. A utilização de ilustração mais precisa ou foto faz-se necessária para a transmissão da informação sem que esta empobreça.



Expiramente, olhamo-se no espelho, produzi os mesmos sons, indicados na illustração, pela posição da língua, pelo arredondamento e/ou a abertura dos lábios. Qual é a palavra que se pronuncia?

Exemplo 7

Formato 210 x 280mm

Neste exemplo observa-se a organização tradicional do texto, ilustração seguida de imagem.

Observa-se também uma imagem idealizada de mãe, afeto e criança, representados por bonecos. No entanto a informação pode ser elaborada considerando-se que a percepção das crianças atualmente é muito estimulada em função da televisão, "out-doors" etc.



A mãe do Davi.

Quem é ela?

Ela é a Lila.

Lila é a mãe do Davi.

Lila ama o Davi.

Davi ama a Lila.

Exemplo 8

Formato 210 x 280mm

Nesta página constata-se a falta de uma atitude projetual, de construção da linguagem visual que considere o aluno.

A informação é organizada sem se utilizar dos recursos do meio gráfico, como o uso de tipografia normal e meio preto ou tamanhos diferentes.

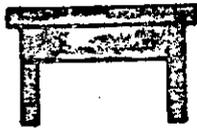
O uso de chapada com janelas abertas, solução muito utilizada na linguagem visual do livro didático atual, como "efeito" que ocasiona a perda de área útil da página.

Sem interesse não oferece ao aluno possibilidades de reflexão e elaboração em cima da informação.

casa

TOPI

..sa ..se ..si ..so ..su






mesa
asa
casa
casaco
usa
pesado
rosa

roseira
José
Josefina

música
visita
Rosita

vaso
liso
aviso
camisola

As noras estão no jardim.

74

Exemplo 9

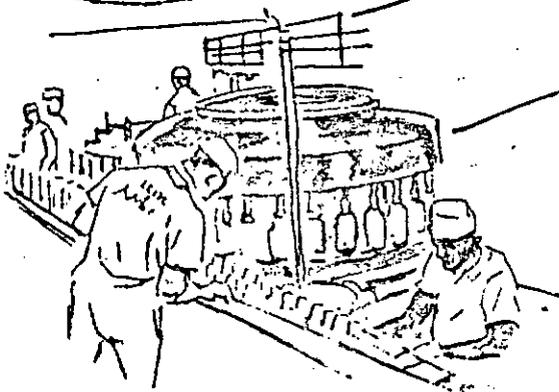
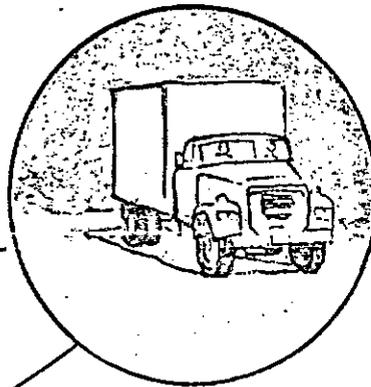
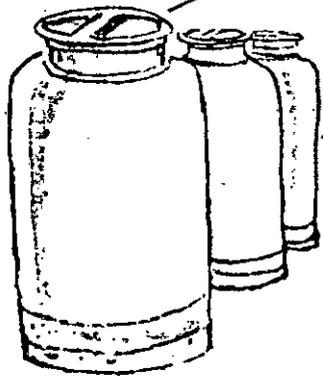
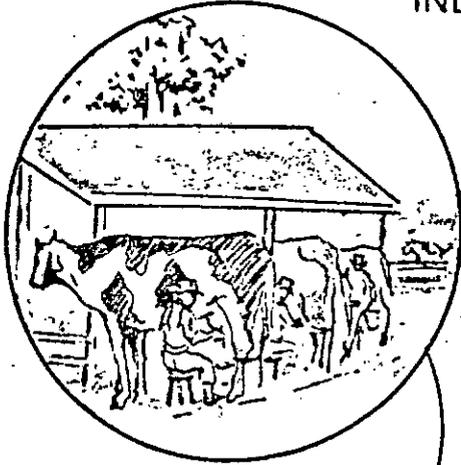
Formato 140 x 210mm

Nesta página observa-se uma série de informações não verbais que formam uma sequência. No entanto ocorrem tão soltas que há necessidade de um fio uni-las para uma leitura ordenada.

Assim constatamos uma falta de uma atitude projetual onde ocorrências como esta teriam sua solução estabelecida de acordo com a importância relativa de cada ilustração em relação à seguinte.

A comunicação de uma determinada mensagem sequencial não implica em todas terem o mesmo tamanho ou ocorrerem dentro de uma forma fechada com um fio.

INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS



Exemplo 10

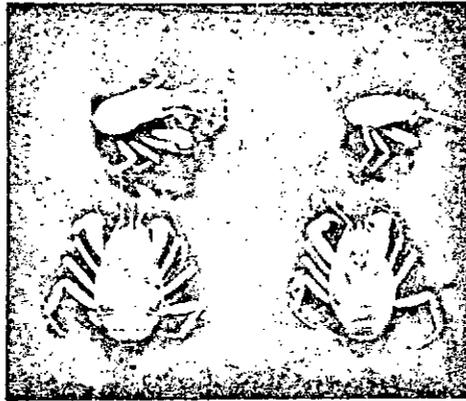
Formato 210 x 280mm

Constata-se que o espaço gráfico não se integra como um todo. O uso de fios, setas, recursos gráficos que nem sempre aumentam a clareza da informação, como se observa no gráfico na parte inferior da página.

Ao se simplificar a construção do espaço gráfico, obtém-se maior clareza e uma transmissão mais dinâmica da informação quando se utiliza de recursos característicos do meio impresso, como subdivisão da informação por colunas, tamanhos tipográficos diferentes etc.

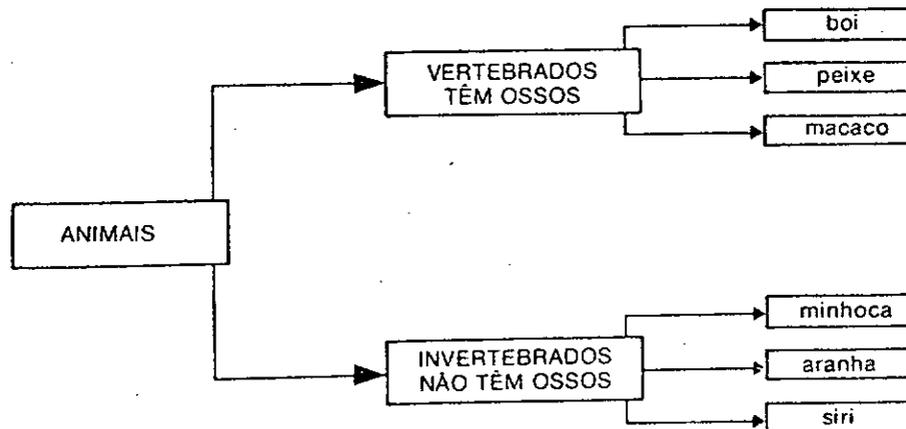
35 — OS ANIMAIS

Doutor Carlos Henrique mostra figuras, retratos e slides dos animais das cavernas e sua sobrevivência nelas.



Repare nas fotografias que ele mostrou. Notou como são diferentes dos animais que normalmente você conhece?

Os animais são seres vivos. Para melhor estudá-los, basta observarmos. Há muitas espécies de animais; alguns semelhantes, outros diferentes mas sempre há algumas coisas em comum.

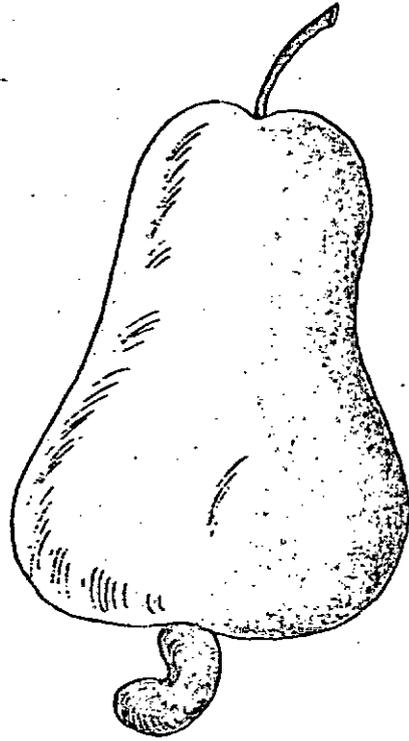


Exemplo 11

Formato 210 x 280mm

Neste exemplo fica a pergunta, o que é mais importante a informação verbal, aqui repetida duas vezes (tipográfica e manuscrita) ou a representação não verbal.

A ilustração pobre não aumenta a quantidade de informação transmitida, não enriquece o repertório do aluno e apesar de ocupar uma grande área na página é secundária, caso contrário a informação verbal não estaria repetida. O uso da tarja para fechar o espaço em nada acrescenta.



caju
caju

Exemplo 12

Formato 210 x 280mm

Página sem interesse onde o campo branco não atua como elemento pertencente ao espaço gráfico. A tipografia foi colocada na página, utilizando-se de um sinal gráfico para destacar os diferentes tipos de informação. Esta não foi organizada segundo suas variações, no caso três grupos distintos, perguntas, listas e ordem ("faça uma coleção de pedras").

2 — OS SERES VIVOS

Descubra, no desenho, as coisas que têm vida.
Por que elas são vivas?
Observe o jardim:

as pedras

- não crescem
- não respiram
- não se alimentam

as flores

- crescem
- respiram
- alimentam-se

E os bichinhos?
E você?

Faça uma coleção de pedrinhas.

- Junte folhas de várias formas.

Faça uma coleção de flores.

Exemplo 13

Formato 140 x 210mm

Página sem interesse que poderia ser melhor elaborada.

O texto dividido em dois com as ilustrações no meio prejudicam a leitura do texto no pé da página, com tendência a não ser observado.

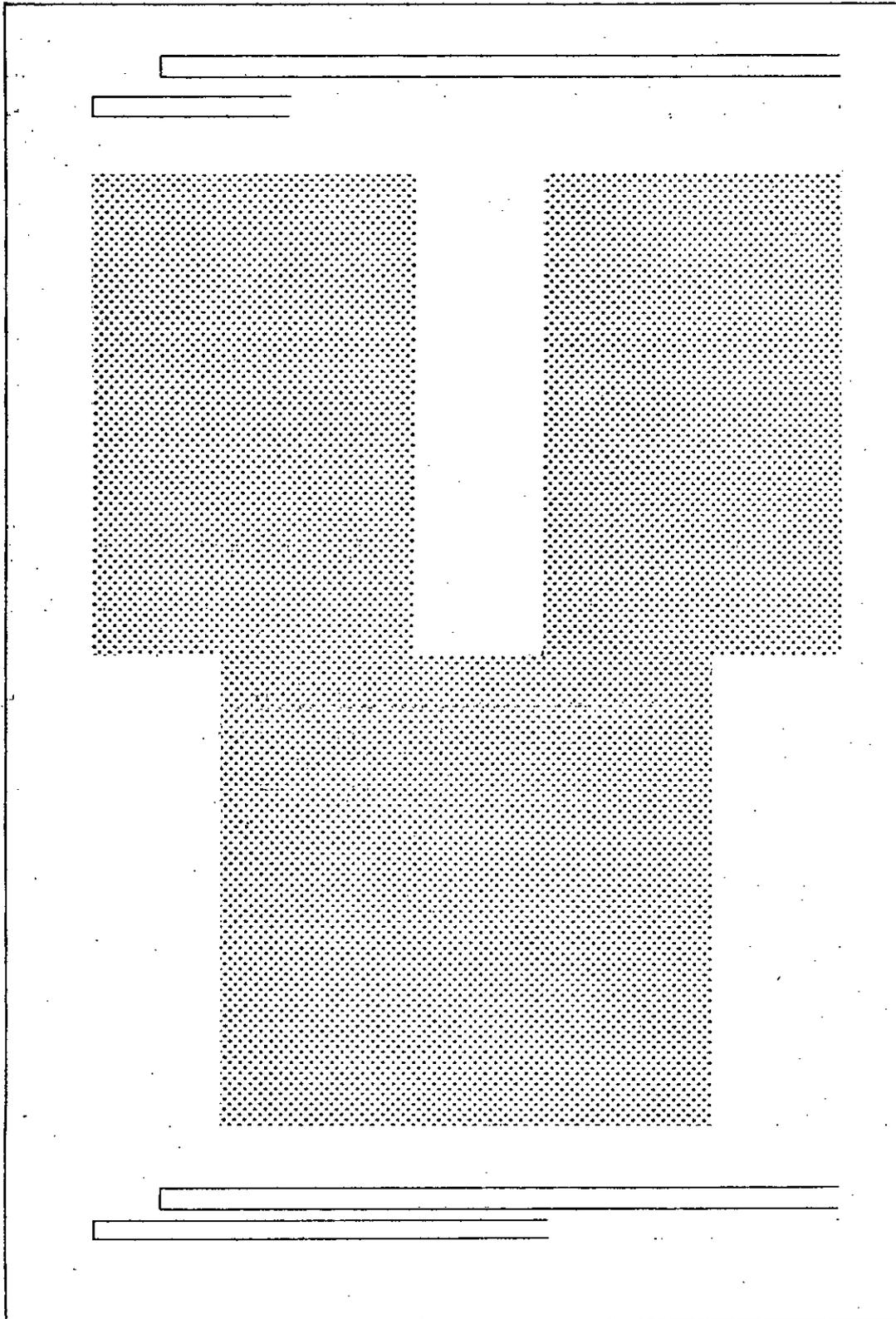
A organização da informação não verbal interligada cria áreas de interferência com o fundo, como se observa no mapa anexo, sendo lida como uma só ilustração.

A informação verbal e não verbal não está integrada. Consta-se uma preocupação de se ocupar ao máximo o formato da página e não de se criar um espaço gráfico harmônico.

Relevo é a forma como se apresenta a superfície da Terra.



O relevo pode ser modificado pela ação da água, do vento e do homem.



INDUSTRIAL
ESCOLA
1977

Exemplo 14

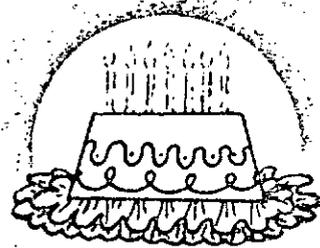
Formato 210 x 280mm

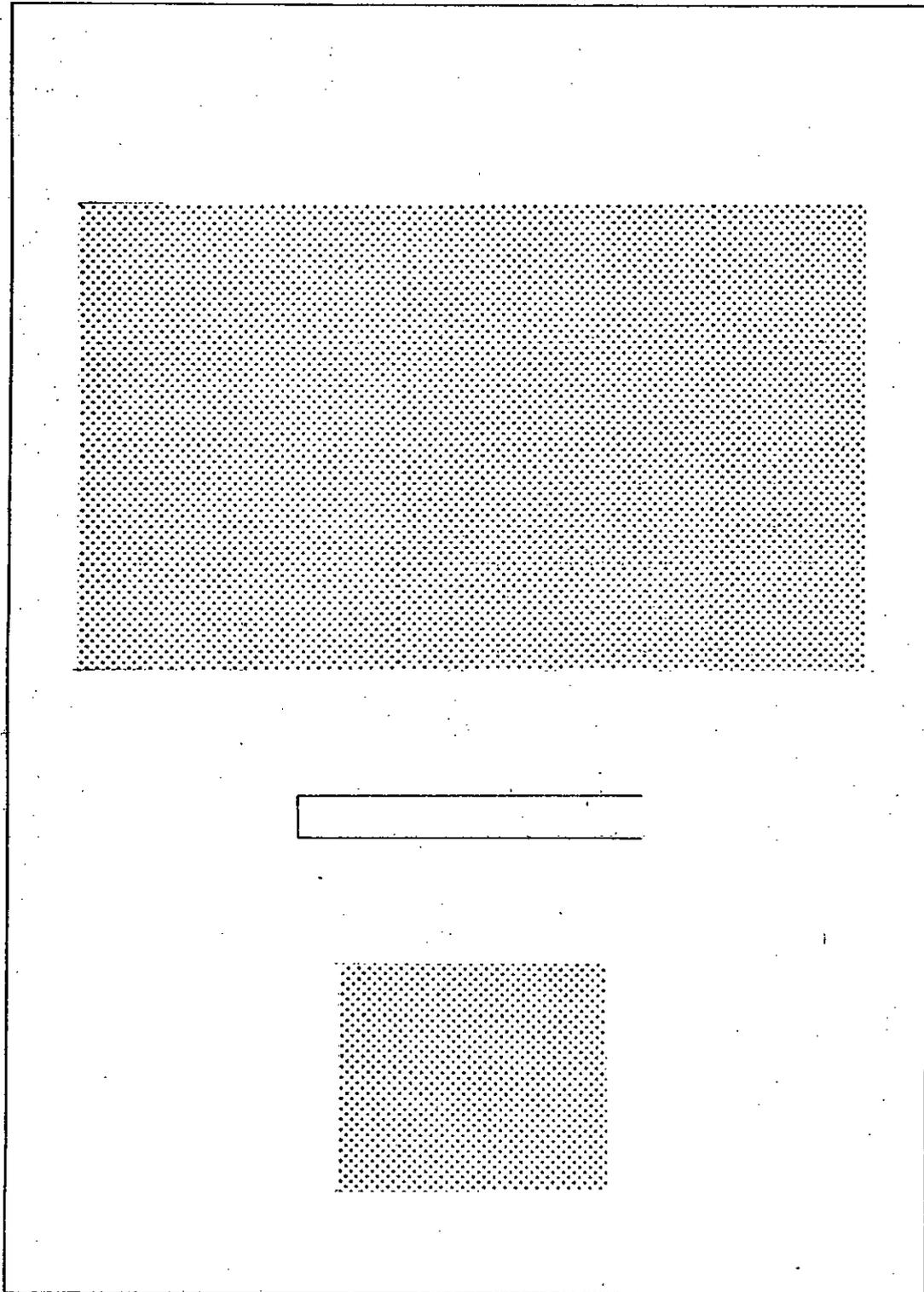
Observa-se a repetição de elementos (o bôlo), sem que isto realmente aumente ou enriqueça a informação.

A subdivisão do espaço em três áreas desintegradas, com uma chapada em cor no fundo para unir os elementos poderia ser evitada integrando-se o espaço gráfico. A chapada por sua vez transforma a informação verbal, de um livro para classe de alfabetização, em secundária. Observa-se assim a solução da página em função de si própria e não em função do usuário.



A idade do Davi





INDUSTRIAL
RECORDS

Exemplo 15

Formato 210 x 280mm

A chapada em cor com a abertura de janelas para a tipografia desintegra o espaço gráfico, tendo-se uma leitura de faixas isoladas, conforme o mapa anexo.

O tratamento uniforme da informação verbal não transmite a função desta página, a revisão dos fonemas ensinados, onde e quando aparecem nas palavras.

Confunde-se assim pobreza de linguagem visual com clareza de construção do espaço gráfico.

Revisão

an en in on un

as es is os us

ça ço çu

que qui

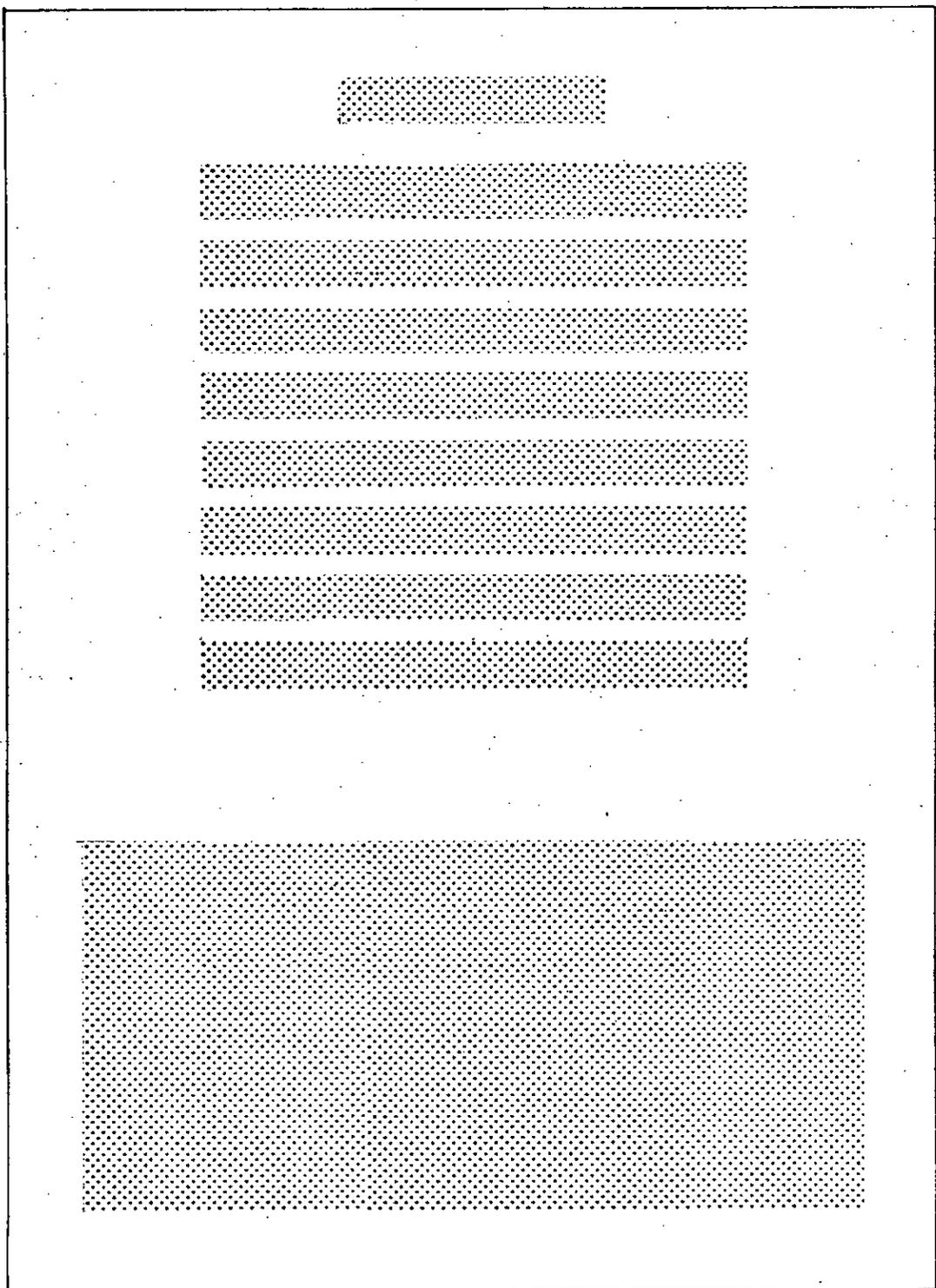
ã ão ãe ôe

al el il ol ul

ce ce ci

ge gi

banda	dente	cinto	onça	mun <u>do</u>
ar <u>no</u>	f <u>es</u> ta	b <u>is</u> po	ro <u>st</u> o	ju <u>st</u> o
ro <u>ç</u> a	f <u>um</u> aça	la <u>ç</u> o	po <u>ç</u> o	cab <u>eç</u> udo
qu <u>er</u> o	le <u>q</u> ue	a <u>q</u> ui	qu <u>ib</u> e	a <u>q</u> uilo
pag <u>ã</u>	pav <u>ã</u> o	pil <u>ã</u> o	mam <u>ã</u> e	rep <u>õ</u> e
alfin <u>et</u> e	carret <u>el</u>	an <u>il</u>	sol	sul
ceb <u>ol</u> a	ceg <u>a</u>	recib <u>o</u>	gead <u>a</u>	mágic <u>a</u>



Exemplo 16

Formato 200 x 280mm

O uso da tarja fechando o espaço gráfico, com o intuito de identificar o capítulo do livro (cada capítulo é de cor diferente), interfere no espaço gráfico, diminuindo a área da página.

A Matemática em sua linguagem utiliza sinais gráficos, tornando-se excessivo o uso de tarjas e fios, sendo mais adequada uma solução mais direta e simplificada, os sinais gráficos sendo aqueles do conteúdo.

A Efetue: $\frac{2}{3} \div \frac{4}{5} = \dots$ $\frac{3}{7} \div \frac{2}{5} = \dots$ $\frac{2}{9} \div \frac{1}{7} = \dots$ $5 \div \frac{3}{5} = \dots$

B Você sabe que o traço de fração significa divisão. Então, já pode conhecer frações cujos numeradores e denominadores sejam também racionais.

$$\frac{\frac{2}{3}}{\frac{3}{5}} = \frac{2}{3} \div \frac{3}{5} = \frac{2}{3} \times \frac{5}{3} = \dots$$

C Calcule agora sozinho em \mathbb{Q} :

a) $\frac{+ \frac{1}{2}}{+ \frac{2}{3}}$

b) $\frac{- \frac{2}{3}}{+ \frac{1}{5}}$

c) $\frac{+ \frac{1}{7}}{- \frac{2}{3}}$

d) $\frac{- \frac{1}{5}}{- \frac{2}{3}}$

D Descubra o número representado por letras:

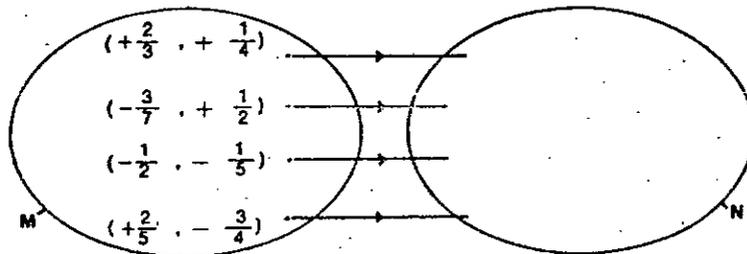
a) $\frac{2}{3} \div \frac{2}{x} = \frac{35}{6}$
x =

b) $\frac{3}{10} \div \frac{x}{y} = \frac{3}{10}$
x = y =

c) $x \div \frac{3}{5} = 0$
x =

d) $x \div \frac{3}{5} = \frac{1}{9}$
x =

E No diagrama estão representados alguns elementos de \mathbb{Q}_+ , \mathbb{Q}^* e de \mathbb{Q} . A flecha significa: "os componentes do par têm por quociente". Complete:



F Efetue: a) $(\frac{1}{5} + \frac{2}{5}) \div \frac{3}{4}$

b) $(\frac{1}{8} - \frac{3}{2}) \div (-\frac{3}{4})$

c) $[(\frac{2}{5} + \frac{1}{5}) \div \frac{3}{7}] \times \frac{10}{21}$

G Quanto vale o número representado pelo \square :

$2 \square = 7$

Dividindo ambos os membros por 2:

$\square = \frac{7}{2}$

O conhecimento do conjunto \mathbb{Q} veio remover muitas impossibilidades na resolução de equações.

H Resolva em \mathbb{Q} as seguintes equações:

a) $2x = 3$

b) $5x = -18$

c) $4x + 3 = 12$

d) $\frac{x}{2} = \frac{1}{3}$

e) $3x - 4 = 16$

f) $9x - 8 = 7x + 5$

Exemplo 17

Formato 180 x 235mm

A organização do espaço gráfico, destacando através de uma chapada em cor certos textos cumpre sua função, o mesmo no entanto não pode ser dito da ilustração, pouco clara e de difícil leitura.

O uso de chapadas para destacar certas partes do texto desintegra o espaço gráfico, percebido por partes. A cor aplicada sobre o texto inferior, que é a explicação das ilustrações não as integra como uma só informação. Neste exemplo observa-se o que foi definido como ensaio de programação visual, ou seja o uso desnecessário de recursos do meio gráfico que não aumenta a clareza da informação.

III – ESTUDO DO TEXTO

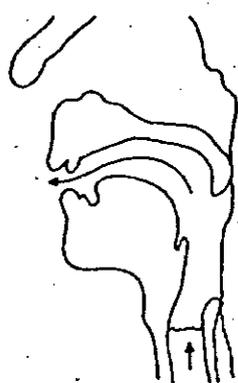
Os signos estruturam-se uns aos outros e é assim que se expressam as idéias, os pensamentos. O número de signos na língua é ilimitado: a cada momento é possível ampliá-los, desde que surja a exigência de dar nomes a tudo que nos cerca. **Alunissagem**, hoje, é palavra – signo – que está nos jornais, mas há alguns anos não existia. Para formar os signos – unidades significativas – a língua recorre a um número pequeno de unidades distintas – os **fonemas**. Compare: [miku] “mico” e [fiku] “fico”. São dois signos diferentes, porque o significante (forma) é formado por fonemas, havendo oposição distintiva entre dois deles: /m/ e /f/; /m/ e /f/ são fonemas diferentes. Substituiu-se um pelo outro, no mesmo lugar, e obtiveram-se signos diferentes. Este processo de substituição chama-se **comutação**.

1 – Com o signo **mala** forme, pelo menos, dez signos diferentes, comutando os fonemas (substituindo o primeiro, depois o segundo, depois o terceiro: /ma^la/ /ba^la/; /ma^la/ /me^la/; /ma^la/ /ma^ka/ etc).

2 – Compare **ir**, **ri**. São signos diferentes? Por quê?

O ar, expelido pelos pulmões, pode formar dois tipos de fonemas:

a) **Vogais**: fonemas em cuja emissão o ar sai livremente pela boca (**vogais orais**) ou pelas fossas nasais (**vogais nasais**).



VOGAIS ORAIS



VOGAIS NASAIS

Exemplo 18

Formato 210 x 280mm

O uso excessivo de cores, de ilustrações para ensinar ao aluno determinado conceito, muitas vezes gera soluções no plano gráfico pouco claras, onde a informação não verbal interfere na informação verbal.

Neste exemplo a informação não verbal, ocupa o espaço gráfico inteiro, e a informação verbal é sobreposta, não integrando o espaço gráfico. A solução tipográfica é pouco elaborada, como se fosse secundária.



Quem deu o Lula ao Davi?

Quem?

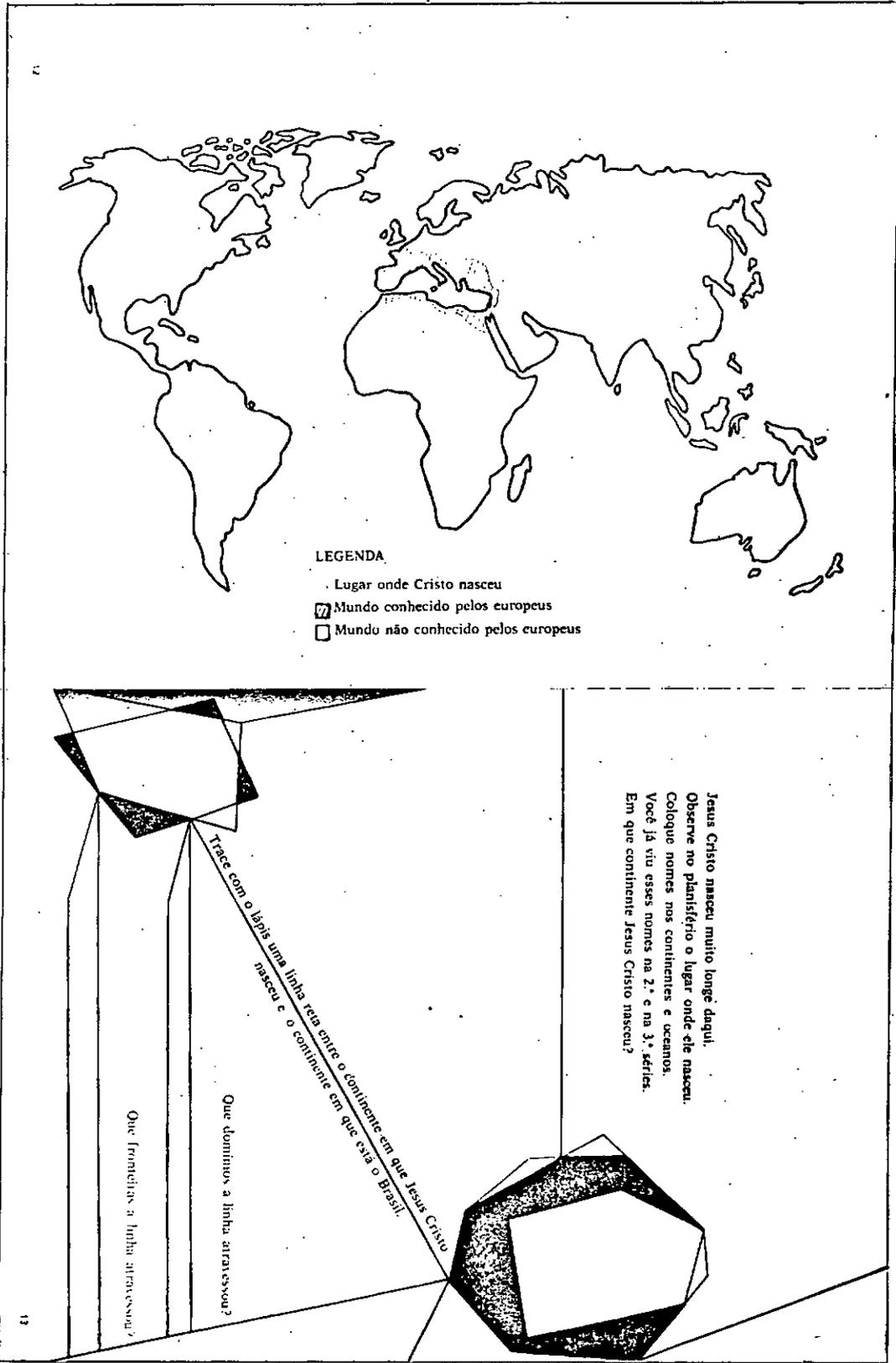
Exemplo 19

Formato 215 x 275mm

Os critérios de representação de uma informação a nível gráfico, são arbitrários, ainda que determinados pelo receptor da mensagem e pelo meio de reprodução desta, o que não implica em resultados pobres e desvinculados do aluno.

Neste exemplo observa-se: o livro didático é para ser preenchido não podendo ser reaproveitado. A informação acha-se dividida em duas páginas que não se relacionam quanto a sua representação, uma recebe um tratamento "geométrico" enquanto a outra tem um desenho mais "livre".

Assim conclui-se que não há necessidade do uso de página dupla como também não é necessário o preenchimento do livro.



A disfunção da programação visual

Com a análise dos livros didáticos constatou-se por parte das editoras uma incompreensão da função do livro como transmissor de conhecimento e estimulador do pensar; como introdutor ao aluno da linguagem escrita.

Na medida em que se utiliza atualmente no livro didático uma série de recursos gráficos com o intuito de sua linguagem visual competir com os demais meios de comunicação, está se descaracterizando o livro como objeto, ao mesmo tempo que este empobrece. Empobrece ao deixar de ser conceitualmente livro para ser uma tentativa de cópia de um audio-visual, da televisão.

Assim observa-se o uso excessivo de cores para torná-lo parecido, próximo da televisão. Descaracteriza-se o livro, oferece-se ao aluno excesso de cores e imagens e não informação estimulante. O que é para ser aprendido já vem pronto, não sendo permitido ao aluno a troca do conteúdo do livro com seu repertório.

O livro tem uma característica que é pouco estimulada na escola. A posse da informação, a relação mais próxima que se estabelece entre leitor e conteúdo. Ao se exigir do aluno cuidados especiais com o livro didático para que também através deste se aprenda noções de higiene, está se descaracterizando sua função de canal de informação que o aluno vai se utilizar no seu dia a dia.

O significado livro não é oferecido ao aluno, nem por parte das editoras nem por parte das escolas. Fica portanto difícil para o aluno se utilizar de um objeto cujo significado lhe é controvertido, ou é para ser lido, utilizado, manuseado sem maiores problemas ou é para ser cuidado. Sendo-lhe atribuída condição especial, a que poucos tem privilégio, não se permite ao aluno descobrir o prazer da leitura.

A programação visual como disciplina elaboradora de linguagem visual, participa desse universo onde o receptor (aluno) é pouco considerado como ser individual. Os alunos do

País compreendidos como uma massa uniforme, portadora da mesma visão de mundo, aptos a perceberem o conteúdo do livro com a mesma rapidez e intencidade.

Percebe-se assim a disfunção da programação visual. As editoras de livros didáticos não tem programadores visuais atuando sistematicamente na elaboração de um livro didático adequado ao usuário e coerente com si próprio.

Os livros didáticos como consequência tem uma linguagem visual única, onde cada vez mais tenta-se disfarçar seu aspecto de livro, oferecendo-se mais cores, ilustrações, soluções prontas e pouco interessantes.

A não existência de programadores visuais atuando sistematicamente nas editoras, a falta de uma atitude projetual coerente na elaboração da linguagem visual do livro como um todo, transforma a programação visual em executante, preenchidora de páginas.

Uma construção coerente com seu significado, adequado aos diferentes usuários evitaria o uso excessivo de cores como foi dito em uma das editoras para torná-lo mais "alegre".

Reveste-se assim o livro didático de uma disfunção de "alegria", numa tentativa de igualar sua linguagem visual a outros meios de comunicação. E não de sua função de objeto didático, portador de linguagem e meio de reprodução próprios, onde os recursos deste meio são apenas ensaiados e não utilizados.

O excesso de fios, sinais gráficos, a tipografia sempre do mesmo tamanho, o uso de chapadas em cor para unir o fundo, demonstram o quanto a linguagem visual está deixando de ser elaborada. O espaço gráfico pouco elaborado, enfeitado de cores e sinais gráficos vazios de conteúdo, deixa de existir como elemento ativo da transmissão de informação.

A função da programação visual

Através da análise do livro didático, observou-se a não atuação da programação visual nas editoras da área de educação. Surge então um questionamento no sentido de se determinar o que seria função da programação visual, não só nas editoras, mas no processo educacional.

Como se observou a linguagem visual é atualmente um produto pronto, rígido que não oferece ao aluno possibilidades de elaboração, que o aluno contribua para a decodificação do conteúdo. A linguagem visual, pelo excesso de recursos gráficos utilizados, pela falta de uma atitude projetual na sua elaboração, não atende aos alunos do País, tão diferenciados em sua experiência de vida.

Faz-se necessário um campo de atuação integrado, uma série de atividades vinculadas entre si, seja através dos meios de produção, seja através de sua ideologia. Atuando de formas diferentes, criando e produzindo a linguagem visual de livros didáticos e paradidáticos, do material audio-visual, de apostilas, mapas etc.

No que se refere especificamente as editoras, é necessária a existência de uma atitude projetual vinculada à realidade educacional do País.

Faz-se necessária a construção de uma linguagem visual desprovida de enfeites, efeitos gráficos que em geral não aumentam a qualidade ou a quantidade de informação, só distanciando a relação aluno-conteúdo.

No entanto parece-me importante a convivência com o objeto livro e seu significado, no processo educacional. Por nossa realidade econômica e social, onde o nível de escolaridade dos professores (transmissor) é muito variável. Através do livro garante-se o fornecimento de um conhecimento mínimo a ser transmitido. O que não significa que este mínimo deva ocorrer como iniciativa isolada, sem outras contribuições ou ainda que mínimo seja sinônimo de pobreza de linguagem visual ou inadequação de conteúdo, como ocorre atualmente.

Significa que a função mínima do livro didático é a contribuição para que os alunos tenham possibilidade de compreender o significado do hábito de leitura como fonte de reflexão e crítica, que o aluno possa ler a informação e transportá-la para sua realidade próxima.

Estas propostas visam trazer o significado do livro a uma forma atual característica, afastando-se da intenção de cópia de outros meios de comunicação. Assim um livro que segundo os critérios atuais seria pobre de cores e recursos gráficos estaria permitindo ao aluno uma possibilidade de elaboração do conteúdo mais dinâmica, na medida em que permitisse reflexão sobre o conteúdo.

Se compete à escola a introdução da linguagem escrita para o aluno, e esta ocorre no momento através de um meio gráfico que é pela escola considerado insatisfatório, me parece estar mais próximo do contexto educacional não só a reformulação da linguagem visual do livro didático, mas a atuação da programação visual como disciplina fornecedora de subsídios para a escola. Fornecer subsídios significa dar meios para que as escolas elaborem sua linguagem visual para se aproximarem do meio gráfico e de seus canais, num País onde não existe o hábito de leitura e que não se conhece a linguagem visual dos diferentes usuários dos livros didáticos.

As diferenças entre as diversas regiões do País são tantas que me parece adequado a mesma informação ter diferentes representações elaboradas pelo usuário.

Estabelece-se assim um campo de atuação que também engloba a elaboração de linguagem visual pela escola para escola. A função da programação visual se amplia, transforma-se em questionadora e fornecedora de subsídios ao nível da instituição (escola).

Torna-se importante a transferência do eixo de atuação de passivo (repetidor) para elaborador de subsídios que permitam através do referencial do aluno e de seu núcleo social a elaboração de uma linguagem visual própria.

Na medida em que se torna clara a função da programação visual como fornecedora de subsídios para a elaboração de uma linguagem visual próxima do referencial de leitura do aluno, faz-se necessário que se estabeleça o que são subsídios.

Subsídio é a utilização dos recursos gráfico-tipográficos existentes na região, bem como a não sistematização do discurso da escola. Cada micro-sistema produzindo o objeto didático vinculado a sua realidade sócio-linguística.

Cabe portanto à programação visual o fornecimento de conhecimento para que a linguagem visual seja elaborada por cada grupo, seja a nível exclusivo da instituição escolar, seja através de uma integração escola comunidade.

Assim a mesma informação teria suas representações visuais diferentes, o que é coerente já que a função do objeto didático é a transmissão de informação, isto é de veículo cujo conteúdo é para ser lido, compreendido, refletido e criticado. Portanto quanto mais próximo do referencial perceptivo do aluno, maiores oportunidades estarão sendo dadas para que este objeto cumpra sua função didática.

A percepção do mundo variável de aluno para aluno implica em não se poder estabelecer critérios comuns a todos os grupos para a elaboração de sua linguagem visual, o que seria massificante. Essa redução a critérios comuns, novamente restringiria a atuação da programação visual, transformando-a em disciplina repetidora de critérios pré-estabelecidos, executante de uma linguagem visual única como acontece agora.

A elaboração pelas escolas de sua linguagem visual e de seus objetos didáticos pode gerar um isolamento e conseqüente empobrecimento do discurso da escola, que é exatamente o que acontece quando se massifica o ensino. É necessário portanto que exista entre as escolas troca do material por elas elaborado. Assim como também é necessária a convivência com o livro didático, com todas as contribuições do meio impresso possíveis, desde que estes não tenham seu conteúdo e linguagem visual construídos como canais de informação por definição incomunicáveis, na medida em que se acham distanciados do aluno.

Cabe portanto à escola a formulação de sua linguagem visual, ficando a cargo da programação visual junto à escola, indicar quais os recursos de reprodução que podem ser utilizados de acordo com as possibilidades locais, a adequação da linguagem visual ao meio de produção, o processo de reprodução a ser utilizado, a diminuição dos custos de produção etc.

A atuação da programação visual também só é necessária a partir do momento em que a informação é reproduzida através de um recurso mecânico. Assim quando professores e alunos elaboram um mural com colagens e a informação escrita com pilot não há porque o programador visual interferir.

Fica, no entanto a observação de que esta atuação da programação visual como disciplina, em tempo algum é a solução messiânica que resolve os problemas de apreensão da linguagem escrita, estando esta vinculada às condições políticas, econômicas e sociais do País.

É tão somente uma proposta a ser considerada em conjunto, vinculada a uma ação pedagógica, para a elaboração da linguagem da escola, dos indivíduos para a instituição escolar, numa atuação e adaptação constante.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- (1) SODRÉ, Nelson Werneck, "Síntese da História da Cultura Brasileira" Editora Civilização Brasileira 4a. edição p. 122
- (2) CUNHA, Luiz Antonio, "Educação e Desenvolvimento Social no Brasil" editora Francisco Alves 1974 p. 135
- (3) SANDRONI, Laura, Tese apresentada no 2º Seminário Latino Americano de Literatura Infantil agosto de 1978, em Jornal do Brasil, Suplemento Livro Setembro 1978 p. 6
- (4) CUNHA, L.A. ob. cit. p. 153
- (5) WERNECK, Regina Yolanda "O Livro e a Expressão da Criança" (não publicado)
- (6) Plano Urbanístico Básico da Cidade do Rio de Janeiro PUB - Rio 1977 p. 82
- (7) idem p. 81
- (8) idem p. 83
- (9) FRANCASTEL, Pierre, "Peinture et Société" Éditions Denoël Gonthier Paris 1977 p. 175
- (10) ADORNO, Theodor, "A Indústria Cultural" em "Comunicação e Indústria Cultural" Cia Editora Nacional 1971 p. 288
- (11) RIVAS, Circe Navarro, Jornal do Brasil 20/03/78 caderno B
- (12) CUNHA, L.A. ob. cit. p. 123

BIBLIOGRAFIA

- . ARNHEIM, Rudolf. "Visual Thinking", Londres, Faber and Faber Ltd, 1970
- . BARTHES, Roland, "Mythologies", Londres, 2a. edição, Paladín 1976
- . CASSIRER, Ernest e outros "Essais sur le Langage", Paris Éditions de Minuit, o artigo:
 - CASSIRER, Ernest, "Le Langage et la. Construction du Monde des Objets"
- . COHN, Gabriel, "Comunicação e Indústria Cultural", São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971, os artigos:
 - BLUMER, Herbert, "A massa, o público e a opinião pública"
 - ADORNO, Theodor W., "A Indústria Cultural"
- . CUNHA, Luiz Antonio, "Educação e Desenvolvimento Social no Brasil", Rio de Janeiro, 2a. edição, Livraria Francisco Alves Editora, 1977
- . DREYFUS, John "Encyclopédie des Choses Imprimées", Paris Éditions Retz CEPL, 1977, o artigo:
 - RICHAUDEAU, François "Le Processus de Lecture"
- . ESCOREL, Ana Luisa, "Brochura Brasileira: Objeto sem Projeto", Livraria José Olympio Editora MEC 1974
- . FABUN, Don, "Communications, The Transfer of Meaning", Toronto, The Glencoe Press, 1968
- . FAUCHER, François, "Do Album ao Livro", Boletim da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, nº 38
- . FRANCASTEL, Pierre, "Peinture et Societé", Paris, Editions Denoel Gonthier, 1977
- . FREIRE, Paulo, "Educação como Prática de Liberdade", Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra SA, 1976
- . FREITAG, Bárbara, "Escola, Estado e Sociedade", São Paulo, EDART São Paulo Livraria Editora Ltda, 1978
- . LEÃO, Emmanuel Carneiro, "Aprendendo a Pensar", Rio de Janeiro, 1977
- . MAGALHÃES, Aloísio e outros, "Editoração Hoje", Rio de Janeiro, 1a. edição, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975, os artigos:

- SILVA, Benedito "Da Galáxia de Gutemberg a Aldeia Global"
- MAGALHÃES, Aloísio, "Comunicação Visual"
- . MARROU, Henry Irenée, "Histoire de l'Education dans l'Antiquité", Paris, 6a. edição, Editions du Seuil, 1965
- . MCLEAN, Ruari, "Jan Tschichold: Typographer", Boston, 1a. edição, David R. Godine Publisher, 1975
- . MCLUHAN, Marshall, "A Galáxia de Gutemberg", São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977
- . MCLUHAN, Marshall, FIORI, Quentin, "Os Meios são as Mensagens" Editora Record, sem data.
- . MCLUHAN, Marshall, "Counterblast", Londres, Rapp Whiting Ltd, 1969
- . MELO, José Marques de, "Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação", Rio de Janeiro, Editora Vozes, Coleção Estudos Brasileiros, 1976, o artigo:
 - MELO, José Marques de, "Retribalização e Decadência da Cultura Impressa"
- . PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M., "Educação e Sociedade, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977
- . PIGNATARI, Décio, Informação, Linguagem, Comunicação, São Paulo, 8a. edição, Editora Perspectiva, Coleção Debates, 1977
- . SADCOVITZ, Sarah Lerner, "Trabalho Independente", Boletim INEP nº 38, 1973
- . SARAIVA, Terezinha, "Núcleo Comum e Organização Curricular a nível de 1º Grau", Rio de Janeiro, Série Cadernos Didáticos Editora, 1975
- . SODRÉ, Muniz, "A Comunicação do Grotesco", Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1973
- . SODRÉ, Muniz, "O Monopólio da Fala", Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1977
- . SODRÉ, Nelson Werneck, "Síntese da História da Cultura Brasileira", Rio de Janeiro, 4a. edição, Editora Civilização Brasileira SA, 1976
- . STRUCHINER, Myriam, "Análise do Tratamento Gráfico no Jornal Diário", Trabalho de Graduação, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1977

. WERNECK, Regina Yolanda, "A Ilustração do Livro Didático no Brasil", trabalho apresentado em Bratislava, setembro 1977

. WERNECK, Regina Yolanda, "O Currículo Pleno da Escola Joaquim Manoel de Macedo", Tese de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975

. WERNECK, Regina Yolanda, "O Livro e a Expressão da Criança" (não publicado)